



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SUÉLEN BALLEEN

PEDAGOGIA HOSPITALAR

ERECHIM
2019

SUÉLEN BALLEEN

PEDAGOGIA HOSPITALAR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Professora Dr^a. Adriana Salete Loss.

ERECHIM
2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ballen, Suélen
Pedagogia hospitalar / Suélen Ballen. -- 2019.
70 f.

Orientadora: Adriana Saete Loss.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Pedagogia-Licenciatura, Erechim, RS, 2019.

1. Pedagogia Hospitalar. I. Loss, Adriana Saete,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

SUÉLEN BALLEM

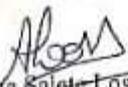
Título: "Pedagogia Hospitalar"

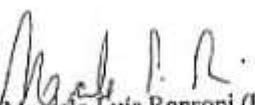
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profª Drª Adriana Salete Loss

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

Banca examinadora:


Profª Drª Adriana Salete Loss (UFFS/Erechim)


Me. Marcelo Luis Ronsoni (UFFS/Erechim)

Sra. Marisa Fagundes Rosa  (Secretária de Educação - Município de Aratiba RS)

Dedico este trabalho à minha família, que sempre esteve me incentivando e apoiando em todas as minhas decisões, dando coragem para enfrentar os desafios e seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que possibilitou durante esses cinco anos realizar essa graduação e conhecer pessoas maravilhosas, que contribuíram significativamente para a minha formação.

À minha família, à minha mãe, Eliane Schuh, ao meu pai, Ronei Antônio Ballen, ao meu irmão, Eduardo Ballen, pelo apoio. Agradeço muito também ao meu namorado, Odir Lucas Canal, e toda a minha família, que sempre me incentivaram a seguir em frente, em busca dos meus sonhos.

Agradeço, de coração, à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Adriana Salette Loss, que, ao longo de minha trajetória acadêmica, foi um exemplo de pessoa e profissional, principalmente, neste último ano de graduação, dedicando seu tempo para me orientar e me incentivar na busca de demonstrar o melhor de mim e acreditar na possibilidade de aperfeiçoar ainda mais o meu trabalho, a partir de críticas construtivas e diálogos, apontando novos caminhos. Sou grata por tudo que me ensinou e ainda me ensina.

Agradeço, também, às minhas colegas e amigas, Bruna Taíse Lovera, Bianca Freitas, Letícia Conte e Camila Luthemeier, que sempre estiveram ao meu lado me ajudando e incentivando, agradeço muito por essa grande amizade que construímos.

À Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS e, principalmente, aos professores, por me proporcionarem a possibilidade de crescimento acadêmico, incentivando a autonomia e reflexão diante da realidade aliada ao conhecimento teórico, indispensável para minha formação enquanto profissional.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs
a caminhar.

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre a temática da pedagogia hospitalar e a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, expondo sua relevância no processo de aprendizagem durante o período de internação da criança impossibilitado de frequentar regularmente a sala de aula por motivo de doenças. A principal indagação dessa pesquisa foi: O que apontam as produções científicas apresentadas nos anais do Educere sobre o tema pedagogia hospitalar e a atuação docente no ambiente hospitalar no período de 2011 e 2013? Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho foi: identificar os apontamentos das produções de textos completos nos anais do Educere que falam da pedagogia hospitalar com recorte na atuação do pedagogo no ambiente hospitalar. Nesse sentido, discutiu-se a prática do pedagogo em espaços não escolares, destacando o ambiente hospitalar como possibilidade de atuação do pedagogo, abordando a importância da função do pedagogo e os desafios que enfrentará em sua atuação pedagógica na educação hospitalar, que remete a uma reflexão sobre a inovação social a construção de um novo conceito de educação, para além dos muros da escola. O trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa qualitativa, onde seus instrumentos utilizados foram revisões bibliográficas de vários autores, sobretudo dos textos no site do Educere. A pesquisa bibliográfica alicerça os fundamentos que abordam o assunto em questão, a fim de relatar a contribuição do pedagogo no contexto hospitalar. Os resultados de investigação que foram encontrados consistiu em 35 publicações no ano de 2011 e 2013 sobre o tema pedagogia hospitalar, sendo que o ano que obteve mais publicações sobre a pedagogia hospitalar foi no ano de 2013, onde foram encontradas 24 publicações que falam sobre o tema a pedagogia hospitalar, dentre as quais 7 falam da atuação do professor neste ambiente. Já no ano de 2011, foram encontradas 11 publicações que falam sobre o tema a pedagogia hospitalar, dentre elas 5 falam da atuação pedagógica no contexto hospitalar. Grande parte destas publicações têm como foco as bases legais da pedagogia hospitalar, a atuação docente no ambiente hospitalar, a relação entre família, escola e hospital, a literatura infantil no ambiente hospitalar, o contexto da criança hospitalizada, os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados e a história da pedagogia hospitalar.

Palavras-chave: Pedagogia. Atuação do pedagogo. Pedagogia Hospitalar. Ambiente Hospitalar.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	PEDAGOGIA HOSPITALAR	12
1.1	O QUE É E COMO SURTIU A PEDAGOGIA NO BRASIL	12
1.2	O QUE É E QUANDO SURTIU A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL	19
1.3	BASES LEGAIS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	22
1.4	OS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE HOSPITALIZADOS	26
1.5	O CONTEXTO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA (Uma atenção especial do pedagogo)	28
1.6	PEDAGOGIA HOSPITALAR EM SANTA CATARINA E NO PARANÁ	34
1.6.1	Classe Hospitalar de Santa Catarina	35
1.6.2	Pedagogia Hospitalar no Paraná	36
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	40
2.1	DESCRIÇÕES DOS DADOS COLETADOS	43
3	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	46
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS.....	59
	APÊNDICE.....	65

INTRODUÇÃO

O presente estudo baseia-se em pesquisas sobre o tema da pedagogia hospitalar, com recorte na atuação pedagógica no ambiente hospitalar. A escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso se deu após o interesse em saber e aprender um pouco mais sobre a pedagogia hospitalar e a atuação docente no ambiente hospitalar.

A escolha do tema surgiu a partir de uma visita que o curso de pedagogia da UFFS 5ª fase realizou ao Projeto Espaço Lúdico e de Atendimento Pedagógico a Crianças Hospitalizadas no Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), projeto desenvolvido pelo curso de pedagogia da Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, em convênio com o Hospital São Viciente de Paulo, realizada no dia 06 de julho de 2017. Nesse dia, foi realizada a Visita ao espaço de atendimento a crianças hospitalizadas, onde foi possível observar e compreender um pouco do trabalho realizado pelas pedagogas responsáveis pela ala oncológica do hospital.

O trabalho realizado pelas pedagogas e as práticas pedagógicas mostrou-se de grande importância para o processo de ensino e aprendizado das crianças que estão internadas no hospital ou que, por algum motivo, precisam do atendimento hospitalar. A partir disso, surgiu o interesse em pesquisar mais sobre o assunto.

A educação e o trabalho pedagógico não estão presentes somente na escola. A atuação do pedagogo em ambientes diversos é assegurado por lei por meio do artigo 5º, inciso IV da resolução CNE/CP nº 1, 15 de maio de 2006, que traz como grade curricular do curso da pedagogia outros espaços de atuação desses profissionais:

O egresso do curso de pedagogia deverá estar apto a: trabalhar em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo (BRASIL, 2006, p. 2).

Os termos “Pedagogia” e “Hospital” são termos que aparecem de forma diferente no dicionário. De acordo com o Dicionário Houaiss (2001, p. 335), pedagogia, por seu lado, é caracterizado como “teoria e ciência do ensino”; já hospital se refere a “estabelecimento para internação e tratamento de doente e feridos” (2001, p.235). A vinculação dos dois seguimentos consiste em uma oportunidade às crianças e adolescentes internados seguirem ativas em seu processo de ensino e aprendizagem.

A pedagogia hospitalar pode estar presente em vários espaços e de maneiras diferentes dentro do hospital, através de brinquedotecas, nos ambulatórios, nos quartos, nas enfermarias e nas classes hospitalares. Porém, nesse estudo, será salientado o atendimento educacional prestado nas classes hospitalares e como se caracteriza os trabalhos pedagógicos realizados pelas pedagogas, profissionais da educação nesse ambiente.

Essa modalidade de ensino denominado classe hospitalar é reconhecido no Ministério da educação - MEC, através da Secretaria de Educação Especial de São Paulo (SEESP). A esse respeito, MEC – Secretaria de Educação Especial - SEESP (BRASIL, 2002, p. 13) afirma que:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental.

Ceccim e Carvalho (1997) consideram que o objeto de uma escuta pedagógica em ambiente hospitalar é afirmar positivamente a experiência da doença ou hospitalização e não marcar como ruptura com os laços interativos da aprendizagem de si, do mundo e das relações. Para uma aproximação dos objetivos propostos, justificamos que esse estudo servirá como possibilidade de interlocução entre o hospital e a escola, tratando-se de um trabalho conjunto entre a saúde e a educação.

É na educação infantil que a criança irá iniciar o seu desenvolvimento de ensino e aprendizagem, que irá guiá-la pelo resto de sua vida. Este desenvolvimento é fundamental para o seu crescimento, que ocorre até os 4 anos de idade. Barros (2013, p. 84) afirma que: “o ambiente familiar, complementado pela escola, tem relevante papel a desempenhar na criação de condições propícias para uma saudável formação das crianças, que desta forma poderão se tornar adultos no gozo pleno dos direitos de cidadania”.

A pedagogia hospitalar é uma modalidade de ação da Educação Especial e tem como finalidade proporcionar o acompanhamento pedagógico do aluno, quando este estiver impossibilitado de frequentar a classe regular. O atendimento pedagógico ao escolar hospitalizado teve início na França em 1935, com Henri Sallier, devido à grande demanda de alunos impossibilitados de frequentar a escola. “Pode-se considerar também um fator muito importante para o início da educação dentro do ambiente hospitalar a Segunda Guerra Mundial, onde havia muitas crianças e jovens feridos pela guerra e com doenças contagiosas

como a tuberculose, por exemplo, que neste contexto histórico era considerada uma doença fatal” (ESTEVEES, 2013, p. 24).

O processo de internamento hospitalar, na vida da criança, é visto popularmente como um momento de reclusão da sua vida social, da sua família e do ambiente onde vive. O hospital, geralmente, é visto como um lugar de dor e exclusão. A Pedagogia Hospitalar, por sua vez, procura estabelecer e reestabelecer o vínculo da criança com os estudos, com a família e com sua vida social. Por meio de ações lúdicas e pedagógicas, tem como foco promover o bem-estar mental, social, emocional e cognitivo, isto é, o objetivo principal da proposta pedagógica dentro do hospital consiste em promover, além da escolarização à criança como garantia de um direito previsto por lei, também a promoção da saúde. A palavra saúde é definida pela Constituição da Organização Mundial da Saúde (1946, p.1) como: “um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doenças ou enfermidades”.

A figura da Pedagogia Hospitalar surge, no Brasil, com raízes em solo paranaense, onde um novo olhar surge ao ver o Pedagogo não apenas com o educador escolar, mas também como facilitador dos processos educacionais. Diversas são as áreas de atuação em que esse profissional se encontra inserido no mercado de trabalho, o trabalho hospitalar apresenta-se como mais uma função do pedagogo, que é a atuação na instituição hospitalar.

Esse estudo se faz de grande importância, pois as crianças permanecem muito tempo no ambiente hospitalar e acabam tendo que se distanciar da escola, com isso, a partir desse estudo, defendemos a importância de analisar o trabalho pedagógico nos hospitais e ressaltar as propostas pedagógicas que são desenvolvidas nesse ambiente, para que, com isso, as crianças se sintam, de certa forma, próximas ao ambiente escolar.

O hospital é um espaço que necessita de um pedagogo hospitalar, pois muitas crianças e adolescentes perdem o ano na escola ou permanecem longos períodos no hospital. Pensando neste problema, o pedagogo deve atuar neste espaço, onde as situações de aprendizagem fogem do ambiente escolar. No hospital, as crianças são ignoradas como alunos e vistas somente como pacientes, com isso percebemos a grande importância do trabalho pedagógico nos hospitais.

Esta pesquisa apresenta fontes que comprovam a relevância de projetos educacionais na área hospitalar e responde perguntas sobre a funcionalidade da Pedagogia Hospitalar, instigando o leitor a buscar novas informações e conhecimentos nesta área, que por mais que tenha se expandido, ainda é pouco estudada.

O leitor encontra, aqui, como um pequeno respaldo, leis que regulamentam a Educação Especial, sendo a Classe Hospitalar uma categoria desta área. Para a análise das leis, o autor Carneiro (2010) contribuiu muito, com obras crítico-compreensivas. Como autores estudados, se destacaram Matos e Mugiatti (2012), e Fontes (2005), grandes estudiosos da classe, que organizaram livros contendo artigos com autores de interesse da área.

Com isso, surge a indagação como plano de fundo deste estudo: O que apontam as produções científicas apresentadas nos anais do Educere, sobre o tema pedagogia hospitalar e a atuação docente no ambiente hospitalar no período de 2011 e 2013?

O principal objetivo dessa pesquisa é identificar o que apontam as produções em textos completos nos anais do Educere que falam da atuação do professor no ambiente hospitalar e suas respectivas propostas. E os objetivos específicos são: a) Identificar aspectos históricos da pedagogia hospitalar; b) Apresentar as Leis que regem as bases Legais da Pedagogia Hospitalar; c) Identificar as características do trabalho pedagógico da classe hospitalar; d) Analisar quais as propostas pedagógicas são utilizadas pelos pedagogos nos hospitais; e) Ressaltar a importância do trabalho pedagógico nos hospitais da Região Sul do Brasil; f) Apontar aspectos importantes da pedagogia em hospitais.

A metodologia da presente pesquisa consiste na análise bibliográfica e análise de textos completos sobre a Pedagogia Hospitalar nos anais do evento do Educere no ano de 2011 e 2013, com recorte na atuação do pedagogo no ambiente hospitalar

Os resultados alcançados foram que, no ano de 2011, foram encontradas 11 publicações sobre a pedagogia hospitalar e, dentre os quais, 5 falam da atuação do pedagogo na classe hospitalar. E, no ano de 2013, foram encontradas 24 publicações, entre elas 7 que falam da atuação pedagógica no ambiente hospitalar. Com os resultados encontrados, foram feitas as análises destes textos. A maioria dos textos encontrados tem como principal tema o trabalho docente no ambiente hospitalar, a relação entre família e hospital, alguns textos encontrados também falam da literatura infantil no ambiente hospitalar, aspectos históricos da pedagogia hospitalar, os direitos das crianças hospitalizadas, entre outros.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo, após a Introdução do trabalho, apresenta o tema pedagogia hospitalar, quando surge a pedagogia, atuação docente no contexto hospitalar, as bases legais da pedagogia hospitalar, o contexto da criança hospitalizada, a classe hospitalar de Santa Catarina e a Pedagogia Hospitalar no Paraná. O capítulo seguinte apresenta o percurso metodológico do trabalho. Por fim, no terceiro capítulo encontram-se os resultados encontrados sobre a presente pesquisa.

1 PEDAGOGIA HOSPITALAR

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica, que trata de questões como o surgimento da Pedagogia no Brasil, as Bases Legais da Educação em Hospitais, o contexto das crianças hospitalizadas e o modo como a pedagogia hospitalar está organizada e como tem se constituído como proposta pedagógica nos hospitais da região Sul do Brasil.

1.1 O QUE É E COMO SURTIU A PEDAGOGIA NO BRASIL

Na antiga Grécia, os filósofos começaram a se questionar sobre qual seria a melhor maneira de repassar o conhecimento e a educação. Com estas reflexões, começou a surgir, então, a Pedagogia (ARANHA, 2006).

O Pedagogo, ao longo da sua caminhada histórica, se viu sempre à mercê de quem estava no poder, na Idade Média este poder estava nas mãos da igreja Católica, logo suas práticas pedagógicas eram voltadas para um homem cristão e não para o ser crítico.

Quando se chega à Idade Moderna, a Burguesia é quem detinha este poder, então a pedagogia tentou passar o ensino sem querer derrubá-la. Surgem, assim, as ideologias de que as massas não podem alcançar a elite, sendo que tais ideias no mundo contemporâneo continuam a existir, só que em pouca escala.

Segundo Aranha (2006, p. 67), "sempre existiram na história homens que realmente se propuseram a buscar melhores formas de ensino é o caso de Fernando Azevedo com proposta da Escola Nova, Paulo Freire com a Pedagogia crítica".

A pedagogia crítica de Freire pauta-se na capacitação dos estudantes e professores a desenvolverem uma compreensão crítica consciente de sua relação com o mundo. De acordo com Au (2011), essa pedagogia ao desenvolver a conscientização do sujeito, auxilia na capacitação de professores e alunos a se tornarem pessoas cada vez mais conscientes de seu contexto e de sua condição enquanto ser humano.

Utilizando a linguagem crítica, Freire construiu uma teoria de educação baseada no relacionamento entre teoria crítica radical e os imperativos do comprometimento e luta radical. A partir de suas experiências realizadas na América Latina, África e América do Norte, ele produziu um discurso acerca da compreensão da complexidade da dominação. Neste caso, ele argumenta que a dominação não se reduz somente a uma forma de domínio de classe, rejeitando a ideia de que existe apenas uma forma universal de opressão. Desse modo, ele reconhece as diversas formas de sofrimento dentro de diferentes campos sociais que se

referem a maneiras particulares de dominação e, conseqüentemente, formas diversas de lutas e resistências coletivas (GIROUX, 1997).

Ao reconhecer que as formas de dominação não são redutíveis à opressão de classes, Freire alega que a sociedade tem uma multiplicidade de relações contraditórias, nas quais os grupos sociais podem lutar e se organizar. Vale ressaltar que a dominação é mais do que simples imposição de um poder arbitrário de um grupo sobre o outro. Sobre essa questão, Giroux (1997, p.146) expõe que para Freire:

A lógica da dominação representa uma combinação das práticas materiais e ideológicas, históricas e contemporâneas que nunca tem sucesso total, sempre incorporam contradições, e estão sempre sendo disputadas dentro das relações assimétricas de poder.

Na linguagem crítica de Freire, há uma compreensão de que a história nunca é predeterminada. Assim como as ações dos homens e mulheres são limitadas pelas pressões a que são submetidos, eles também criam estas pressões e as possibilidades que podem decorrer de seu questionamento (GIROUX, 1997).

No período imperial do Brasil, a educação não era priorizada e, por este motivo, não havia a necessidade de nenhum método pedagógico específico, mas mesmo com este descaso pela educação, o governo criou a Escola Normal de Niterói (1835), com o objetivo de formar professores que pudessem repassar os conteúdos escolares por meio do método lancasteriano do ensino mútuo. O país não tinha uma pedagogia nacional e, por isso, baseava seus projetos nos pensamentos e ideias dos europeus e norte-americanos, desta forma conseguiam fazer escolas e desenvolver projetos (ARANHA, 2006).

A criação do primeiro curso de Pedagogia no Brasil ocorreu em 1939. O curso foi instituído por ocasião da organização da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, através do Decreto Lei nº 1.190 de 04 de Abril de 1939.

O mencionado decreto N. 1.190/39, ao organizar a faculdade Nacional de Filosofia estruturou-a em quatro seções: Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia, acrescentando, ainda, a de Didática, considerada “seção especial”. Enquanto as seções de filosofia, ciências e letras albergavam, cada uma, diferentes cursos, a de Pedagogia, assim como a seção especial de didática, era constituída de apenas um curso cujo o nome era idêntico ao da seção. Ai está a origem do curso de Pedagogia. (SAVIANI, 2012, p.34).

Segundo Silva (1999, p. 63), “a dificuldade em se definir a função do curso e, conseqüentemente, o destino de seus egressos”.

Introduzido, através do decreto-lei nº 1190/39, simplesmente como pedagogo, sem se fazer acompanhar por alguma referência sobre sua destinação profissional não se percebia, na época as ocupações a serem preenchidas por esse novo profissional. As condições do mercado de trabalho também não auxiliavam no equacionamento do assunto. A não ser para ocupação dos cargos de técnicos de educação no Ministério da Educação, o diploma de bacharel em pedagogia não era uma exigência do mercado e, mesmo ao licenciado em pedagogia, a situação do mercado não se encontrava claramente definida (SILVA, 1999, p.64).

Henry Giroux baseou seus estudos na perspectiva freiriana de educação e alega que “a obra de Paulo Freire continua a representar uma alternativa teoricamente renovadora e politicamente viável para o atual impasse na teoria e prática educacional” (GIROUX, 1997, p.145). Freire descartou as ideias emancipadoras em suas versões de filosofia seculares religiosas encontradas no pensamento burguês e integrou de maneira crítica em seu trabalho o legado do pensamento radical, unindo a linguagem crítica com a linguagem da possibilidade.

A Pedagogia teve seu início no século V na Grécia, quando as mitologias deixam de ser a única resposta para as indagações existentes. O pensamento crítico junto da razão, neste contexto, busca responder às inquietações, tomando por base o real e não mais explicações divinas. Os filósofos, então, começam a se questionar acerca do por que ensinar. Ou: para que ensinar? E qual é a melhor forma de ensinar? (ARANHA, 2006). Em Atenas, a palavra pedagogo passou a ter outro significado, até que foi ampliado o conceito de educação. Na visão de (ARANHA, 2006, p. 67):

A palavra paidagogos nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança, com o tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação. Os gregos esboçaram as primeiras linhas conscientes da ação pedagógica e assim influenciaram por séculos a cultura ocidental.

No mundo antigo, a pedagogia grega se caracterizava pela visão filosófica de Platão e a retórica da escola Isócrates, enquanto que a pedagogia romana, diferente da grega, estava mais voltada para ação política, predominando, assim, a retórica sobre a filosófica. Na Idade Média, o espiritualismo cristão opõe-se ao intelectualismo do mundo grego, sendo a fé mais importante que a razão e, por isso, a filosofia estará ligada à Igreja e será conhecida por filosofia cristã. Esta terá dois períodos: Patrística e a Escolástica (CHIRALDELLI, 2006, p. 25).

Com as mudanças sociais, políticas e econômicas da Idade Moderna, no período das grandes navegações, as terras brasileiras foram descobertas e o pensamento, religioso dos jesuítas esteve presente no Brasil, no início da colonização. O autor Ghiraldelli descreve assim a pedagogia no período colonial no Brasil: “a experiência pedagógica da igreja

sintetizou-se em um conjunto de normas e estratégias chamado de (ordem de Estudos)”. O objetivo era forma “um homem cristão” (CHIRALDELLI, 2006, p. 25).

Segundo Chiraldelli (2006, p. 12), “quando usamos a palavra pedagogia não estamos nos referindo propriamente ao conteúdo do que é ensinado, mas aos meios de ensino, aos procedimentos para que alguém tenha acesso a um determinado conhecimento de modo a aproveitá-lo da melhor maneira possível” .

Da proclamação da República (1889) até a sua Redemocratização, ou seja, a Nova República (1985), a construção teórica que fundamenta a Pedagogia passou por várias transformações no campo das ideias até os dias de hoje. O positivismo Conterrâneo foi um deles, porém não foi bem visto pelos intelectuais, como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo. Segundo (ARANHA, 2006, p.301):

Fernando de Azevedo diz que ao sobrecarregar de disciplinas o ensino normal secundário “com a matemática, elementar e superior, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a moral, o reformador rompe com a tradição do ensino literário e clássico e, pretendendo estabelecer o primado dos estudos científicos, não fez mais do que instalar um ensino enciclopédico nos cursos secundários, com o sacrifício dos estudos de línguas e literaturas antigas e modernas.

O movimento da Escola Nova na década 1920 e 1930 trouxe bastante discussão em torno deste ideário expresso no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que contou com a participação de 26 educadores, entre eles Fernando Azevedo e Anísio Teixeira. Outros educadores também contribuíram para a construção do campo pedagógico no Brasil, no entanto, Paulo Freire com sua pedagogia progressista, deixou um grande legado para o país, pois seu método contribui até hoje para alfabetizar aqueles excluídos do acesso à educação.

De acordo com a própria criação, o curso de Pedagogia no Brasil já revelava muitos problemas que o acompanham ao longo do tempo, considerando que de início o curso de Pedagogia formava bacharéis e licenciados, em um esquema que passou a ser conhecido como “3+1”, ou seja, 3 anos de bacharelado e 1 de licenciatura. Entretanto, em ambos os casos, havia uma referência muito vaga para identificação de tal profissional criado naquele momento, que ainda não possuía funções bem definidas, pois o próprio currículo visava à formação de um profissional sem considerar a existência de um campo de trabalho que o demandasse.

Silva argumenta que estes dois profissionais da educação “o Bacharel não tinha elementos que pudesse auxiliar no seu campo profissional e os Licenciados tinham problemas por não ter de fato campo de atuação” (SILVA, 1999, p. 34). Desta forma, podemos entender

que Pedagogo não sabia de fato como atuar na educação, pois o currículo não era bastante claro para o seu papel.

Em seu livro *Curso de Pedagogia no Brasil*, Silva (1999) caracteriza este tempo em “o período das regulamentações, das indicações, das propostas”. “A primeira regulamentação tentou criar uma identidade para o curso só que ela apenas provocou mais questionamento” (SILVIA, 1999, p. 92). Esse currículo servia para o licenciado em vista dos problemas relacionados com sua formação e campo de trabalho, que não tinha apenas o curso normal como campo de atuação, tendo como também o direito de lecionar Filosofia, História e Matemática. Nesse sentido, ficava bastante explícito a fragilidade do curso de Pedagogia, pensando inclusive em sua extinção sob acusação de que faltava ao curso conteúdo próprio.

Algumas alterações foram introduzidas no currículo do curso em 1962, porém não identificaram precisamente o profissional a que se refere, estabelecendo que o curso de Pedagogia destina-se à formação do técnico em educação e do professor de disciplinas pedagógicas do curso normal. De acordo com essa ideia, desenvolve-se o argumento de Brzezinski (1996, p. 26):

A tendência de a formação do professor das séries iniciais de escolarização ser a base da identidade do curso de pedagogia leva à conclusão de que vem se concretizando a previsão de Valnir Chagas feita no Parecer 251/1962. Nesse sentido, o curso de pedagogia retoma sua vocação inicial que encontra origens remotas na antiga Escola Normal e na Escola de Professores de Anísio Teixeira.

A autora Silva (1999) afirma que a docência se faz pela Pedagogia e não a Pedagogia se faz pela docência. Essa mesma ideia é enfatizada por Libâneo, quando afirma que “a base da identidade profissional do educador é a ação pedagógica, não a ação docente” (LIBÂNEO, 2005, p. 52). Considerando todas essas discussões acerca da identidade desse profissional e do curso em questão, que buscaram consolidar em autores um sentido definido tanto para o pedagogo quanto para Pedagogia, Libâneo (2005, p. 52) caracteriza o pedagogo:

Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa dos saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica.

Por sua vez, a Pedagogia seria caracterizada como: “uma reflexão sobre as finalidades da educação e uma análise objetiva de suas condições de existência e de funcionamento; ela está em relação direta com a prática educativa que constitui seu campo de reflexão e de análise” (LIBÂNEO, 2005, p. 143).

O que os autores Libâneo e Franco destacam é que a Pedagogia é um campo de estudos com identidade e problemáticas próprias, e seu objeto de estudo compreende os elementos da ação educativa e sua contextualização, ou seja, sujeito que se educa, educador, saberes e o contexto em que ocorre, e o pedagogo é o profissional responsável por essa prática educativa em suas várias modalidades e manifestações. Ainda de acordo com Franco (2008, p. 149):

O curso de Pedagogia se constitui no único curso de graduação onde se realiza a análise crítica e contextualizada da educação e do ensino enquanto práxis social, formando o pedagogo, com formação teórica, científica e técnica com vistas ao aprofundamento na teoria pedagógica, na pesquisa educacional e no exercício de atividades pedagógicas específicas.

A Pedagogia, na sua essência, é um campo de atuação do/a pedagogo/a. Cabe a esse/a profissional a mediação dos processos educativos em vários espaços. Libâneo (2002, p.58) assinala que a dimensão do campo de atuação do pedagogo na atualidade é bastante amplo e vai muito além das ações escolares, podendo ser definido por dois segmentos: “escolar e extra-escolar”. Nesse sentido, podemos definir que o segmento “escolar” caracteriza-se pelo trabalho docente desenvolvido em sala de aula, bem como na gestão escolar, supervisão e coordenação do trabalho pedagógico direcionada ao ensino e aprendizagem na escola. Enquanto que a ação extra-escolar se refere a todo trabalho desenvolvido fora do ambiente escolar, mas com caráter pedagógico. Como possibilidade dessa atuação profissional, podemos exemplificar: os criadores de vídeos educativos, comunicadores sociais, atuação do trabalho pedagógico nos hospitais e empresas, tendo como objetivo o desenvolvimento social.

O profissional da Pedagogia pode atuar em vários campos da educação formal e não formal, campos esses que podem ser ampliados com alguns cursos complementares, habilitando os profissionais para que possam ser pedagogos que trabalhem em empresas, ONGs, hospitais e em escolas como professores ou gestores, bem como profissionais que trabalhem com crianças com alguma necessidade educacional especial. Segundo Libâneo (1998, p. 127):

O pedagogo é o profissional que atua em vários campos educativos. O papel do pedagogo é amplo e não apenas na gestão, supervisão e coordenação das escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, no planejamento educacional, na definição de políticas educacionais, nos movimentos sociais, nas empresas, nas várias instâncias da educação de adultos, nos serviços de psicopedagogia e orientação educacional, nos programas sociais, nos serviços para a terceira idade, nos serviços de lazer e animação cultural, na televisão, no rádio, na produção de vídeos, filmes e brinquedos, nas editoras, na requalificação profissional.

No caso do espaço hospitalar, cabe a esse/a profissional propiciar possibilidades educativas durante a vivência nesse espaço pela criança ou adolescente. Somos cientes que o ambiente hospitalar é um setor de referência em tratamento de saúde e, por isso, acaba gerando algum tipo de “dor e sofrimento”, que muitas vezes gera traumas que a criança e o adolescente manterão na sua vida e na sua própria aprendizagem.

Em virtude das práticas educativas não acontecerem apenas junto à escola ou com a família, mas por serem encontradas em diversos contextos e na existência individual e social do ser humano, garante-se ao profissional da área de pedagogia ter várias chances de desempenhar sua função, inclusive na área da pedagogia hospitalar.

A história do surgimento da pedagogia é muito importante, mais especificamente, vale ressaltar o surgimento da pedagogia hospitalar, visando ao melhor atendimento a crianças hospitalizadas. Tomando como princípio duas necessidades básicas da criança, a saúde e a educação, a pedagogia hospitalar visa o trabalhar da educação juntamente com o momento de tratamento de saúde na vida da criança, sem que uma ação interfira no andamento da outra. Além de dar continuidade aos estudos do educando, a pedagogia hospitalar também visa ao bem estar em todos os seus aspectos, isto é, social, emocional, físico, mental, cognitivo e espiritual.

Nesse sentido, buscamos pesquisar a respeito dessa temática essencialmente para tentar responder às diversas questões relacionadas à formação desse profissional, que, de acordo com Libâneo em seu livro *Pedagogia e pedagogos para quê?*, discute questões relacionadas com o campo teórico da Pedagogia, a prática educativa como seu objeto, a relação com as demais ciências da educação, a identidade profissional do pedagogo e seu papel diante das realidades contemporâneas. Deste modo, podemos dizer que o campo de atuação do Pedagogo é vasto, não podendo apenas ser resumido ao ambiente escolar. Talvez esse seja um dos motivos que vem agravando o conflito de identidade desse profissional, haja vista que o próprio pedagogo tem uma visão e formação restrita de seu desempenho quanto ao seu trabalho.

Nos estudos da educação da década de 90, principalmente as obras de Libâneo (1997, 1999) que tratam a respeito de Políticas Públicas e formação de professores, existem referências à expansão da educação em diferentes contextos, tais como: nos meios de comunicação, nos movimentos ecológicos, nas ONGs, sindicatos e também nos hospitais. Para Libâneo, na modernidade, assiste-se a uma redescoberta do pedagógico, a ponto de se falar em uma “sociedade pedagógica”. Portanto, esses diferentes cenários educativos estão

constituindo a cultura da educação escolar atual, que vem sendo alterada em função das transformações sociais.

Para tanto, na pedagogia, a racionalidade e a objetividade passam a ter uma conotação diferente das ciências exatas e naturais. De acordo com Mazzotti (2001, p.23), “o racionalismo contemporâneo, ao reconhecer que a razão é histórica, ou seja, se faz no curso de história das ciências, assume que há tantas racionalidades quantas são suas manifestações”.

Nesse sentido, podemos afirmar que a pedagogia constitui-se como ciência, não a partir dos modelos clássicos de racionalidade, nos quais as proposições concorrem para a relação sujeito-objeto, mas através da racionalidade que concebe o processo interativo entre sujeito-sujeito. Assim, é a intersubjetividade dos sujeitos que promove a comunicação: a fala e o agir, manifestando a compreensão dos objetos ou fenômenos.

A pedagogia como ciência não encontra seus fundamentos na racionalidade da consciência “solitária”, mas na racionalidade da práxis, que envolve o processo dialético entre a teoria e a prática sob o diálogo intersubjetivo dos sujeitos. Segundo Marques (1990, p.5):

A partir do horizonte de sentido em que se situa a práxis histórica, a linguagem abre-se, por sua própria estrutura, a um diálogo de sujeitos na intenção de fundamentar criticamente um consenso a base de pretensões de validade diversas e fundamentais argumentativamente. A verdade não se constrói na reflexão isolada ou no interior de uma consciência, mas de forma dialógica, processual, tendo como referenciais básicos o grupo e a linguagem.

Ao longo da história, a Pedagogia passou por mudanças profundas até os dias atuais, tornando-se um curso de formação e emancipação humana, que vai mais além das didáticas (ARANHA, 2006, p.68). Se, como vimos, a palavra pedagogos nomeava, inicialmente, o escravo que conduzia a criança, com o tempo, o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre educação.

1.2 O QUE É E QUANDO SURTIU A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL

Segundo Schilke (2008, p. 15), “esclarece o surgimento da Pedagogia Hospitalar, relatando que no Brasil as primeiras notícias que se tinham sobre aulas para crianças internadas foram no ano de 1950, no Rio de Janeiro, Hospital Municipal de Jesus, porém não tinha vinculação nenhum com a Secretaria de Educação”. O que aconteceu é que profissionais na área da saúde observaram a necessidade cognitiva que as crianças internadas que passavam

longos períodos nos hospitais apresentavam e, então, começaram a realizar ações educativas por conta própria. Ainda segundo Schike (2008, p. 16):

No ano de 1960, o Hospital Barata Ribeiro no Estado do Rio de Janeiro implantou as aulas para crianças hospitalizadas, contando com uma professora específica para isso. Foi também neste ano que os profissionais que dirigiam os dois Hospitais buscaram junto a Secretaria de Educação que até então não tinha nenhum convenio a regulamentação da Pedagogia Hospitalar, porém o reconhecimento da modalidade educacional veio acontecer apenas em 2002.

Sobre a regulamentação da Pedagogia em âmbito Hospitalar, Schike (2008, p. 16) afirma que:

Apenas em 2002 o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Educação Especial, regulamenta esse tipo de trabalho com a publicação do documento intitulado “Classe Hospitalar e Atendimentos pedagógicos domiciliares; estratégias e orientações.” Que tinha por objetivo estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares.

O Hospital Menino Jesus introduziu indícios da Pedagogia Hospitalar no Brasil na década de 1950. O Hospital A. C. Camargo inaugurou a proposta da Pedagogia Hospitalar exatamente dia 15 de outubro de 1987. Introduzida na Instituição pela fundadora Carmen Prudente, há quase 22 anos, a Pedagogia está apresentando seus efeitos no Hospital na cidade de São Paulo, no entanto este trabalho ainda é praticamente desconhecido pela sociedade, até mesmo dentro das universidades.

No entanto, há locais em que a Pedagogia Hospitalar está presente há mais tempo. Segundo Esteves (2013), seus primeiros indícios podem ser encontrados em 1935, em Paris, quando foi inaugurado por Henri Sellier a primeira escola para o atendimento de crianças inadaptadas. Essa primeira proposta consistia em levar atendimento hospitalar para essas crianças dentro do ambiente escolar, ou seja, na escola as crianças recebiam os procedimentos escolares e o atendimento à sua enfermidade. Após esse primeiro passo, a Alemanha, a França e os Estados Unidos iniciaram esse trabalho com as crianças enfermas, mas era especificamente para o atendimento de crianças tuberculosas, expandindo a Pedagogia Hospitalar a outros países.

As escolas nos hospitais no Brasil estão inseridas nos movimentos internacionais em defesa das crianças e adolescentes. Entretanto, embora existam legislações voltadas para a proteção dessas crianças, durante décadas, as crianças foram tratadas pela cultura da indiferença, herança das políticas públicas marcadas pelo descompromisso com as minorias.

De acordo com Fonseca (1999), a educação nos hospitais iniciou-se na década de 50. O objetivo era que as crianças e adolescentes não apresentassem comprometimentos com suas formações escolares em função de suas internações constantes nos hospitais. Todavia, embora existam há muitos anos, essas escolas somente foram reconhecidas oficialmente pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1994, através das Políticas de Educação de Educação Especial.

Lopes (2007) defende a ideia de que é necessário entender historicamente propostas pedagógicas que durante muito tempo não foram pesquisadas e analisadas, nunca tiveram voz e foram silenciadas pelo Estado Brasileiro. Neste sentido, ela argumenta a respeito da necessidade de desvelar o silêncio de práticas educacionais formais e não formais que ainda são desconhecidas. Para a autora, é preciso que os pesquisadores busquem novas fontes e releiam as antigas com um novo olhar.

Vale ressaltar que as produções de Marcílio (1998) apresentaram a forma como era realizado o acolhimento de crianças abandonadas nos hospitais, especificamente, nas Rodas dos Expostos. A autora, ao fazer uma retrospectiva do atendimento à criança não somente no Brasil, mas na história da humanidade, demonstra como as crianças eram institucionalizadas. Marcílio cita a Escola de Medicina de Montpellier na França, fundada em 1204, a qual teria sido uma das primeiras instituições a oferecer atividades educativas às crianças abandonadas e doentes. O autor Marcílio (1998, p. 52) afirma que:

As crianças eram internadas até os oito ou dez anos. Elas eram confinadas a mestres artesãos, que lhes ensinavam ofícios conforme as aptidões, a força e o sexo. Às moças, eram dados dotes, para facilitar o casamento. Os rapazes, em princípio, eram amparados até poderem manter-se por si mesmos.

A ideia de levar a escola até o hospital surgiu na Segunda Guerra Mundial, pois, até então, foram criadas escolas adaptadas para atender crianças enfermas. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi grande o número de crianças e adolescentes afetados pela guerra, impossibilitados de frequentarem a escola. Nesse momento, fez-se necessário pensar sobre a condição da criança e do adolescente internado, houve um engajamento por parte dos médicos que reconheceram a importância da continuidade do processo escolar para aquelas crianças e adolescentes atingidos pela Guerra. Em 1939, em Suresnes, na França, é inaugurado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada, com o objetivo de formar professores para trabalhar em Institutos Especiais e nos hospitais. Nesse mesmo ano, cria-se o

cargo de Professor Hospitalar, aprovado pelo Ministério da Educação na França (Matos; Mugiatti, 2001).

O percurso histórico da Pedagogia Hospitalar passou por inúmeras transformações, desde conceitos simples, como o tempo de internação, que é árduo para qualquer ser humano, o que exige uma reflexão a respeito de como é feita, do horário de visitas e de como esse enfermo é tratado. Na Alemanha, segundo Biermann (apud MATOS; MUGIATTI, 2001), na década de 1960, as clínicas pediátricas passaram a adotar um atendimento mais humanizado, no qual as visitas passaram de duas horas semanais a acontecer diariamente. A decisão foi adotada por intermédio da conscientização da importância do bem estar físico e mental da criança e do adolescente enfermo.

A Pedagogia Hospitalar veio se desenvolvendo lentamente, conforme foi apresentado, foi necessário percorrer vários estágios, muitas pesquisas foram realizadas, para se constatar a sua importância. Em inúmeros casos, crianças e adolescentes doentes perdem o ano letivo ou permanecem por muito tempo internadas. Considerando a centralidade da educação escolar na sociedade, a internação acarreta no aumento de prejuízos, que podem ser minimizados com o atendimento escolar no hospital. A proposta de atendimento da Pedagogia Hospitalar é respaldada por aparato legal, que será apresentada a seguir.

As crianças que precisam ser internadas em razão de algum problema de saúde também têm direito à educação. É isso o que prevê a legislação brasileira quando o assunto é pedagogia hospitalar.

Desde 1996, existe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que estabeleceu as regras para o ensino brasileiro e incluiu ainda o ensino em hospitais. A normativa, no entanto, traz um grande desafio para as instituições de saúde, que não só precisam incluir o estudante no contexto escolar, como oferecer subsídios para que ele possa se desligar do ambiente clínico e se concentrar na aprendizagem. Para auxiliar os educadores, desde 2002, o Ministério da Educação conta com um documento chamado *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações* (BRASIL, 2002).

1.3 BASES LEGAIS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Para Cruz (2009), a educação e a saúde são elementos fundamentais de transformações sociais que visam o desenvolvimento do mundo em que se vive. A preocupação da sociedade em aspectos que envolvem tanto a educação quanto a saúde, diz

respeito exatamente ao desenvolvimento social da população e são as leis que dispõem sobre os direitos e deveres de cada pessoa, fundamentando os projetos existentes.

Os educadores devem pesquisar constantemente sobre os direitos e deveres dos cidadãos, para exercê-los e ensinarem aos seus alunos, fazendo com que eles se tornem educandos críticos e conscientes. Quanto ao envolvimento dos pedagogos no conhecimento das leis, de acordo com Cruz (2009, p.4):

Todos os cidadãos são iguais e tem seus direitos e deveres assistidos nas leis dentro da nossa sociedade. Leis essa que são de suma importância para nós pedagogos, conhecermos, discutirmos e criticarmos (quando for o caso) com o intuito de que elas melhorem e de fato se façam valer, principalmente na educação, a qual queremos ao alcance de todos, e com a mais alta qualidade, visando o desenvolvimento de pessoas cada vez mais críticas e realizadas no mundo que as cerca.

Tratando-se de crianças hospitalizadas, é necessário que se pense em todos os aspectos que envolvem uma situação de hospitalização infantil. Uma situação de enfermidade carrega junto de si circunstâncias complexas, que devem ser tratadas com destreza por todas as pessoas que estão diretamente ligadas a esta condição.

É um momento na vida no qual o ser doente se encontra perdido em dúvidas e fragilidades e, por este motivo, deve-se destinar ações integradas que auxiliem e não excluam estas pessoas da sociedade e de suas próprias vidas. Beneficiar o cidadão adoentado através de bases legais é mais do que tratar o corpo doente, é realizar um conjunto de ações que visam à melhora por completo do ser humano, ou seja, não só o físico, como também o psíquico e todas as suas relações.

A criança ou adolescente que se encontra privada de seu ambiente escolar por adoecer e, consecutivamente, estar hospitalizada, faz valer seus direitos legais contidos na legislação vigente, que assegura o direito à educação e à saúde, continuando a ter um acompanhamento escolar.

A Lei nº 8.069/90, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, nos artigos 3º e 4º afirma que:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, ECA 1990, Art. 3º).
Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à

cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990a, Art. 4º).

O Estatuto da Criança e Adolescente surgiu para tornar legítimo o que deve ser assegurado para crianças ou adolescentes, direitos essenciais como a saúde e educação. As leis são uma forma de garantir direitos e, tratando-se especificamente de crianças e adolescentes hospitalizados, o Poder Público dispõe, através destas leis, de garantias que beneficiam direta ou indiretamente o tratamento e o contexto integral dos pacientes. Para Carneiro, o que se pretende com a respaldo das leis que beneficiam a prática pedagógica em âmbito hospitalar é.

[...] propiciar rotas de humanização para alguém (o aluno) que, de repente, se sente descompensado em seu processo de desenvolvimento. E a descompensação permitida está na fronteira do desrespeito à dignidade da pessoa humana, fundamento constitucional irrenunciável. (CARNEIRO, 2010, p. 414).

Quando ocorre um afastamento da criança em seu cotidiano, por motivo de hospitalização, costumes e rotinas, como ir à sua escola de origem, são modificados. Então, elas são tomadas por um forte impacto e tendem a passar por momentos de confusão com a nova rotina, o que pode prejudicar seu estado físico e emocional e é no amparo das leis educacionais que poderá resgatar um pouco de seu mundo.

A Lei nº 9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação – LDB é um dispositivo legal que assegura o direito das crianças e jovens à Educação, e compreendê-la é fundamental aos educadores comprometidos. No capítulo V da LDB, encontra-se a Educação Especial, que tem como uma das modalidades a Classe Hospitalar. É no Art. 59 que se encontra o respaldo quanto aos direitos educacionais desta classe:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicas, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; [...] (BRASIL, 1996, Art. 59).

As crianças ou adolescentes devem ser tratados dignamente e, quando adoentados, a humanização torna-se palavra-chave, devendo ser exercida nos processos que os envolvem. Através do Art. 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o paciente tem garantias quanto à continuação à educação, mesmo debilitado e fragilizado.

Segundo a Secretaria do Estado da Educação de Santa Catarina - SEESC, o atendimento pedagógico hospitalar, que corresponde a Classes Hospitalares e atendimentos específicos, efetivou-se em Santa Catarina no ano de 1999, tendo como objetivo possibilitar e garantir o acesso ao desenvolvimento escolar das crianças que se encontram hospitalizadas.

A carência de aprendizagem pode acarretar na exclusão da criança ou adolescente a um de seus direitos fundamentais, e cabe ao governo fazer valer estas respectivas leis para uma melhor qualidade de vida do doente, viando a “reascender” seu desenvolvimento cognitivo (BRASIL, 2001). Quando se fala em bases legais, encontra-se também a resolução do Conselho Nacional de Educação, CNE/CEB n. 2/01, instituindo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Esta resolução trata no art.13 de especificidades do atendimento educacional à criança hospitalizada e esclarece o dever dos sistemas de ensino e da saúde para com o atendimento especial aos alunos que estão doentes.

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. (BRASIL, 2001, p. 4)

A atenção Pedagógica em ambiente hospitalar legitima os direitos e, em conjunto com profissionais da área da saúde, possibilita um efeito amenizador no tratamento do paciente, ou seja, diminui o afastamento brusco do cotidiano e das tarefas antes exercidas como de costume pela criança/adolescente. É relevante que sejam realizados novos estudos e pesquisas em prol da Pedagogia Hospitalar e, conseqüentemente, da criança hospitalizada, pensando em uma expansão do atendimento pedagógico hospitalar e almejando sempre novas classes que auxiliem o aluno/paciente.

Em relação ao papel do pedagogo no ambiente hospitalar, reforça-se a importância da formação que, para atender a essa diversidade, deve estar voltada para a reflexão, tanto no espaço como no tempo.

Neste sentido e, tomando como referência a experiência desenvolvida pelo Governo do Estado Paraná, desde 2007, o exercício da atividade do pedagogo e sua relevância para a efetivação do processo pedagógico será analisado por meio do SAREH, que se configura como “fruto do reconhecimento oficial de que independente do período de hospitalização, os educandos em situação de internamento têm garantido o direito à educação” (MENEZES, 2009, p.32).

1.4 OS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE HOSPITALIZADOS

O Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 1994) definiu Políticas de Educação, incluindo, conforme Behrens (2011, p. 25), neste rol as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial no Brasil (BRASIL, 2001), em uma perspectiva de proposições e recomendações “o atendimento pedagógico para crianças que se encontram, por determinado ou por muito tempo, no hospital ou adoentadas e , por conseqüências, impedidas de frequentar a escola regular”. E, de acordo com Matos e Mugiatti (2012, p. 38-40), há a necessidade de darmos destaque aos Direitos da criança e do adolescente, refendados pela sociedade Brasileira de Pediatria.

1. Direito à proteção à vida e à saúde, com absoluta prioridade e sem qualquer forma de discriminação.

2. Direito a ser hospitalizado quando for necessário ao seu tratamento, sem distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa.

3. Direito a não ser ou permanecer hospitalizado desnecessariamente por qualquer razão alheia ao melhor tratamento de sua enfermidade.

4. Direito a ser acompanhado por sua mãe, pai ou responsável, durante todo o período de sua hospitalização, bem como receber visitas.

5. Direito a não ser separado de sua mãe ao nascer.

6. Direito a receber aleitamento materno sem restrições.

7. Direito a não sentir dor, quando existam meios para evitá-la.

8. Direito a ter conhecimento adequado de sua enfermidade, dos cuidados terapêuticos e diagnósticos a serem utilizados, do prognóstico, respeitando sua fase cognitiva, além de receber amparo psicológico, quando se fizer necessário.

9. Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar, durante sua permanência hospitalar.

10. Direito a que seus pais ou responsáveis participem ativamente do seu diagnóstico, tratamento e prognóstico, recebendo informações sobre os procedimentos a que será submetido.

11. Direito a receber apoio espiritual e religioso conforme prática de sua família.

12. Direito a não ser objeto de ensaio clínico, provas diagnósticas e terapêuticas, sem o consentimento informado de seus pais ou responsáveis e o seu próprio, quando tiver discernimento para tal.

13. Direito a receber todos os recursos terapêuticos disponíveis para sua cura, reabilitação e ou prevenção secundária e terciária.

14. Direito à proteção contra qualquer forma de discriminação, negligência ou maus tratos.

15. Direito ao respeito à sua integridade física, psíquica e moral.

16. Direito à prevenção de sua imagem, identidade, autonomia de valores, dos espaços e objetos pessoais.

17. Direito a não ser utilizado pelos meios de comunicação, sem a expressa vontade de seus pais ou responsáveis, ou a sua própria vontade, resguardando-se a ética.

18. Direito à confidência dos seus dados clínicos, bem como Direito a tomar conhecimento dos mesmos, arquivados na Instituição, pelo prazo estipulado por lei.

19. Direito a ter seus Direitos Constitucionais e os contidos no Estatuto da Criança e Adolescente, respeitados pelos hospitais integralmente.

20. Direito a ter uma morte digna, junto a seus familiares, quando esgotados todos os recursos terapêuticos disponíveis.

Assim, a pedagogia hospitalar é mais um espaço para a atuação do pedagogo que requer a interação entre a educação a saúde. Ela é “um processo alternativo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da escola, pois levanta parâmetros para o atendimento de necessidades especiais transitórias do educando, em ambiente hospitalar e/ou domiciliar” (MATOS; MUGIATTI, 2012, p. 37).

Behrens (2011, p. 25) dá destaque fundamental ao documento *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar* (BRASIL, 2002), assim dizendo:

Tem direito ao atendimento escolar os alunos do ensino básico internados em hospital, em serviços ambulatoriais de atenção integral a saúde ou em domicílio; alunos que estão impossibilitados de frequentar a escola por razões de proteção a saúde ou segurança abrigado em casas de apoio, casas de passagem, casas-lar e residências terapêuticas.

Para restabelecer o direito à educação de estudantes que se encontram em situação de tratamento de saúde, não hospitalizados, mas afastados da frequência à escola comum, surge o Atendimento Pedagógico Domiciliar.

O direito à educação de estudantes em tratamento de saúde é reconhecido pela legislação brasileira em diferentes momentos e documentos oficiais, entre eles, a Constituição Federal em seu artigo 205 sustenta que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

O objetivo principal do Atendimento Pedagógico Domiciliar é o de oportunizar a continuidade da escolarização dos estudantes afastados da frequência escolar por motivo de tratamento de saúde, e para tanto é fundamental tratar de tópicos como os apresentados ao longo do presente texto, possibilitando o alcance da qualidade da educação pretendida.

1.5 O CONTEXTO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA: UMA ATENÇÃO ESPECIAL DO PEDAGOGO

A infância é um período muito importante na vida de qualquer indivíduo. É nesta fase que o indivíduo constrói sua relação com o próprio corpo e com o mundo externo por meio de suas vivências pessoais, familiares e sociais. É uma fase marcada pelas atividades físicas intensas, sendo que estas são necessárias para que a criança possa explorar e conhecer o ambiente a sua volta e, assim, conseqüentemente, crescer e aprimorar seu conhecimento sobre o mundo. Todavia, no decorrer de seu desenvolvimento, as crianças também podem vivenciar períodos de doenças, o que muitas vezes pode ocasionar a hospitalização (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

As práticas a serem trabalhadas no ambiente hospitalar não diferem em seus objetivos básicos das realizadas em qualquer escola regular, porém, o professor ali inserido deve estar em contato com a escola e com o professor anterior de seus alunos, para, a partir deste, elaborar um planejamento ao contexto da criança, voltado especialmente para a continuação do processo de aprendizado já iniciado anteriormente. Para tanto, o professor desta prática hospitalar educativa deve estar ciente e exercitar a premissa de que cada dia de trabalho na escola se constrói com atividades que têm começo, meio e fim quando desenvolvidas (FONSECA, 2003).

Para a criança, a doença é um acontecimento inesperado e indesejável, onde todos os costumes próprios da infância tornam-se algo distante devido às restrições que a doença e o tratamento impõem (CARDOSO, 2007). Todas essas mudanças causam impacto na vida da criança e podem modificar seu comportamento durante e depois da internação (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

O conhecimento da ciência biomédica revela que o impacto da doença prolongada e a hospitalização podem atrasar o desenvolvimento da criança, podem também causar reações adversas de acordo com o seu estágio de desenvolvimento, como o desenvolvimento sensório-motor, no lactente; desenvolvimento do comportamento; diminuição da mobilidade; incapacidade de se comunicar e perda de habilidades ainda em desenvolvimento. Ocasionalmente na criança reações de medo, ansiedade, depressão e regressão. É preciso saber que a criança possui as mesmas necessidades emocionais e sociais durante o período de hospitalização (NETTINA, 2003, p. 1274).

Diante dos novos espaços em que a Pedagogia vem atuando, propõem-se aos profissionais dessa área novos desafios, como o pouco campo de trabalho, a falta de conhecimento sobre o presente assunto e, também grande, conquista a partir do que foi estudado. A Pedagogia Hospitalar se enquadra nesses novos campos de atuação para efetuar seu trabalho tanto em domicílio quanto em hospital, para prestar assistência às crianças e adolescentes a poder continuar as atividades educacionais, mesmo não estando dentro da sala de aula, em uma escola. É uma classe que foi implantada nos hospitais para que a criança ou jovem doente seja integrado à nova condição tão logo quanto possível, privilegiando um ambiente acolhedor, sem perder o contato com o mundo externo, dando ênfase e privilégios às relações familiares e sociais.

Ao se deparar com o ambiente hospitalar, que por vezes se mostra hostil, o pedagogo deverá estar preparado para trabalhar com a diversidade humana. O professor que atua na Classe Hospitalar vem, por meio de diversas atividades pedagógicas, fazer um elo entre a realidade hospitalar e a vida cotidiana da criança internada. Desta forma, o atendimento pedagógico fará com que este paciente que é, para nós, aluno, tenha uma valorização não como um sujeito que está ligado ao número de prontuário, mas que ele tenha o prazer em aprender mesmo estando em situação especial. O trabalho deve ser desenvolvido respeitando cada necessidade e, principalmente, resgatando os valores de cada um para que o ambiente não seja visto como isolado e excluído da sociedade.

Para trabalhar em classes hospitalares, o pedagogo precisa estudar para lidar com as diferentes vivências e histórias de vida, identificar as necessidades dos alunos, modificar e adaptar os currículos para uma melhor aprendizagem. “O professor necessita ter, no mínimo formação, em Licenciatura em Pedagogia, se possível preferencialmente Pós-graduação em Educação Especial e, em alguns poucos lugares, já se exige a especialização em Pedagogia Hospitalar, para assim poder atuar na classe hospitalar” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2002).

A prática pedagógica nesse espaço exige dos profissionais envolvidos maior flexibilidade. Logo, a atuação na classe hospitalar requer mais compreensão para a

peculiaridade do que em outras instituições, é necessário um planejamento para enfrentar esse desafio com temas geradores e percursos individualizados.

O papel do professor que atua no hospital destaca que a classe hospitalar exige que os professores tenham percepção para trabalhar com programas abertos, ter preparo para desenvolver planejamento diferenciado, respeitando o ritmo e as habilidades de cada aluno, priorizando a realidade que os alunos estão adaptados.

Outro ponto importante para ser um pedagogo hospitalar é gostar do que faz, pois, para desenvolver um bom trabalho com os alunos hospitalizados, deve trabalhar com a afetividade, uma vez que, devido a estarem longe de sua realidade, apegam-se às atividades mais próximas que costumavam desenvolver, como, por exemplo, ir à escola.

O trabalho do pedagogo no hospital é muito importante para ajudar o aluno nas necessidades de desenvolvimento pedagógico, auxiliando no trabalho psicológico e social com a criança. Para alcançar suas metas, o pedagogo hospitalar necessita ampliar sua compreensão, sensibilidade e energia, para fornecer um atendimento com qualidade, para que as crianças possam a cada dia esquecer-se da situação em que se encontram e dar continuidade à sua vida.

Para Matos e Muggiati (2007, p. 12):

A pedagogia hospitalar demanda necessidades de profissionais que tenham uma abordagem progressista, com uma visão sistêmica da realidade hospitalar e da realidade do escolar doente. Seu papel principal não será de resgatar a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades fazendo fluir sistemas que as aproxime e as integre.

O atendimento pedagógico dá valor ao conceito total da educação, como trabalhar com a percepção, relação, razão, sensação e emoção como maneira de estabelecer consciência no educando, na busca de fazer com que a criança esqueça, durante alguns momentos, o ambiente hostil no qual se encontra e, assim, poder encontrar o apoio para viver a infância.

Um dos meios muito usados pelo pedagogo hospitalar para desenvolver um trabalho com qualidade e diversão são as atividades lúdicas que podem ser: a arte de contar histórias, brincadeiras, desenhos e pinturas, dramatização, jogos e atividades que focalizam nos estudos. As classes hospitalares devem ser coloridas, enfeitadas com imagens de vários personagens e com diversos desenhos, devem possuir livros infantis, jogos educativos e brinquedos, para que recheiem o desenvolvimento das atividades.

O professor hospitalar atende às necessidades pedagógicas das crianças e adolescentes hospitalizadas, ao mesmo tempo deve manter a sensibilidade, compreensão, criatividade, persistência e muita paciência, para atingir os objetivos.

De acordo com Oliveira, Souza Filho e Gonçalves (2008), a classe hospitalar não pode ser apenas um cenário de uma sala de aula, introduzida no hospital, mas deve proporcionar um atendimento pedagógico especializado. A classe hospitalar deve apresentar e ter o intuito de reconstruir a socialização dos internos com a inclusão, permitindo dar sequência à aprendizagem.

Lopes (2007, p. 01) define a Pedagogia Hospitalar em três modalidades:

Classe Hospitalar – Refere-se à escola no ambiente hospitalar na circunstância de internação temporária ou permanente, garantindo o vínculo com a escola e/ou favorecendo o seu ingresso ou retorno ao seu grupo escolar correspondente.
Brinquedoteca – Brincar é muito importante para a criança, pois é por meio desta ação que ela usufrua de plenas oportunidades que possibilita desenvolver novas competências e aprender sobre o mundo, sobre as pessoas, e sobre si mesma. A brinquedoteca socializa o brincar, resgata brincadeiras tradicionais, e é o espaço onde está assegurado à criança o direito de brincar.
Recreação Hospitalar – Atividade que oferece a oportunidade da criança brincar, mas brincar não se limita somente ao contato ou interação com o objeto brincar, fundamental é constituir a possibilidade de uma atividade que pode ser realizada em um espaço interno ou externo.

De acordo com Viegas (2008), as brinquedotecas em hospitais, em 2005, tornaram-se Lei Federal n.º 11.104/05. Brinquedoteca vem a ser o espaço para que as crianças possam brincar, é destinado à ludicidade, ao prazer, às emoções, às vivências corporais, ao desenvolvimento da criatividade, fantasia, da autoestima, do pensamento, da atuação, da sensibilidade, da construção do conhecimento e das habilidades, ou seja, o lugar para promover o divertimento.

O brincar recebe várias características, porém poucos sabem que a maior delas é a de ensinar, porém de uma forma divertida e eficaz. Outro ponto importante do brincar é a possibilidade de desenvolver condições que envolvam a imaginação da criança, em que elas poderão construir histórias de modo que descreverá a sua vivência ou suas necessidades.

Para Viegas (2008, p. 28) “por meio de Brincar, portanto, a criança consegue manter vivo e ativo o fio que dá continuidade aquilo que ela está acostumada a fazer, ou seja, a sua história dê vida”.

Na educação lúdica, valorizam-se o desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano, desenvolvendo a criatividade, o conhecimento e a afetividade, por

meio de jogos, brincadeiras, música e dança, tendo como finalidade educar, ensinar, divertir e interagir com os outros. De acordo com Viegas (2008, p. 27):

A criação de um território lúdico contribui para quebrar a característica hospitalar espacial predominante voltada para diagnosticar e intervir no combate à doença. Rompendo com a totalidade dirigida para o tratamento médico-hospitalar, onde a criança se percebe como o doente a ser tratado, a Brinquedoteca insere um lugar alegre e descontraído, onde ela pode e até deve “fazer de conta” que é, sente ou tem aquilo que gostaria de ser, sentir ou ter no momento.

O lúdico busca os sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação, que trabalha com atividades descontraídas e desobrigadas, as quais não possuem natureza nenhuma de intencionalidade ou obrigação. O uso de brinquedos, jogos e materiais didáticos oferecem base para que o sujeito aprenda e apreenda de forma mais descontraída e eficaz. As brincadeiras no período de internação constituem uma fonte muito rica para ajudar as crianças a adquirirem mais conhecimento, pois, quando estão em tratamentos, afastam-se e perdem o contato com o mundo lá fora, fazendo com que percam uma bela fase da vida, a infância. No próximo capítulo, será apresentado como é a pedagogia hospitalar na Região Sul do Brasil.

Ao pedagogo cabe uma tarefa transformadora que visa a auxiliar ao aluno/paciente a passar por este momento angustiante, dando-lhe plenas condições, devagar, conseguir se reestabelecer em sua totalidade.

A criança e o adolescente hospitalizados enfrentam um período em que sua maneira de ser e estar encontram-se temporariamente modificada. Nesse processo, a intervenção pedagógica auxilia a criança e o adolescente a darem um significado diferente a esse momento de suas vidas. Esse novo significado é possível através de dinâmicas pedagógicas e interações com a família e a escola. (FONTANA; SALAMUNES, 2009, p. 58).

Ocorrem significativas mudanças na pedagogia enquanto classe hospitalar, como a flexibilidade de horários, ritmo das atividades, que dependem das condições físicas do aluno, e questões emocionais mais explícitas. Em todo o caso, o pedagogo deve estar preparado para estas situações. A pedagogia é necessária para a educação de uma sociedade, porém quando falamos de Pedagogia Hospitalar, sua dimensão se expande com força máxima envolvendo grandes questões que sustentam com veemência o desenvolvimento integral do ser, pois é nesta área que a visão do Pedagogo deve não só abranger o paciente em sua totalidade, como também levar em consideração as partes específicas do desenvolvimento da criança/adolescente.

Sob a influência de nova mentalidade, novos enfoques, com abrangência no homem como ser total vem a Pedagogia Hospitalar despontando com enorme força de contribuição para o afastamento do enfoque conservador exclusivamente biológico, quando ignorada as múltiplas contradições presentes no processo saúde – doença. O aspecto biológico da doença/hospitalização por tanto não ocorre de forma isolada. Faz ele parte de um intrincado complexo de sistemas, dentre os quais de natureza psicológica e social se associam num íntimo e intenso entrelaçamento. (MATOS; MUGIATTI, 2009 p. 89).

Abrem-se, literalmente, os olhos para a criança/adolescente e suas totais especificidades e deixa-se de lado o fato de tratar o paciente por sua doença sem outras preocupações integrais ou sem levar em consideração que são pessoas no auge de seus desenvolvimentos.

Na educação hospitalar, os profissionais da área da saúde trabalham em parcerias com os pedagogos, fazendo, assim, um constante trabalho de reestabelecimento do paciente.

Sabe-se, também, da importância da comunicação e do diálogo entre os elementos das equipes no ambiente hospitalar. Reitera-se aqui a imperiosa necessidade de observação e ação integrada em todos os aspectos conflitantes que particularizam cada caso, como também da necessidade do encontro dos profissionais em linguagens comum, para as respectivas discussões, considerando o indivíduo em sua totalidade. (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 101).

A Pedagogia Hospitalar, como área educacional, busca primeiramente dar continuidade à escolarização regular das crianças e adolescentes que estão hospitalizadas, porém diversos fatores surgem nesta classe, os profissionais envolvidos devem estar preparados para atender as especificidades de cada um. Os conteúdos realizados na Classe Hospitalar incluem diversas áreas do conhecimento que dependem das necessidades apresentadas pelos educandos para serem trabalhadas.

Cabe ao educador estabelecer uma relação de confiança, estando aberto ao diálogo para que consiga trabalhar a autoestima e promover resultados visíveis ao tratamento do doente.

O ofício do professor no hospital apresenta diversas interfaces (política, pedagógica, psicológica, social, ideológica), mas nenhuma delas é tão constante quanto à da disponibilidade de estar com o outro e para o outro. Certamente, fica menos traumático enfrentar esse percurso quando não se está sozinho, podendo compartilhar com o outro a dor, por meio do diálogo e da escuta atenciosa. (FONTES, 2005, p. 123).

O pedagogo hospitalar trabalha para dar uma nova significação ao momento vivido pela criança, lançando um olhar de empatia e fazendo o educando sentir-se um pouco mais confortável na nova rotina.

O hospital, por si só, torna-se um local tenso, com pessoas muitas vezes angustiadas pela situação vivida, sendo que não apenas o enfermo como também sua família se envolvem neste momento, portanto o trabalho da pedagogia é bem mais amplo do que as pessoas imaginam. O pedagogo deve saber quando falar e quando se calar, ele faz uma ponte fundamental entre escola e hospital, entre os sofrimentos vividos para os conhecimentos adquiridos, é como um efeito amenizador das dores provocadas nestas circunstâncias.

A escuta pedagógica diferencia-se das demais escutas realizadas pelo serviço social ou pela psicologia no hospital, ao trazer a marca da construção do conhecimento sobre aquele espaço, aquela rotina, as informações médicas ou aquela doença, de forma lúdica e, ao mesmo tempo, didática. Na realidade, não é uma escuta sem eco. É uma escuta da qual brota o diálogo, que é à base de toda a educação. (FONTES, 2005, p. 123-124)

Todos que, de alguma forma, estão envolvidos com esta situação de cuidados e atenção à criança/adolescente, incluindo a Pedagogia Hospitalar, devem buscar desenvolver projetos e ações sem excluir a criança à sua total rotina e vontades de infância. Trata-se de restabelecer a criança em todos os aspectos, para que quando ocorrer uma possível alta, a mesma não se sinta excluída.

1.6 PEDAGOGIA HOSPITALAR EM SANTA CATARINA E NO PARANÁ

A região Sul conta com apenas três Estados e, em cada um deles, há hospitais com escolas para crianças e doentes, como segue:

Estado do Paraná: Hospital Infantil Pequeno Príncipe (Curitiba); Hospital Erasto Gaertne (Curitiba); Hospital Universitário Evangélico de Curitiba; Hospital das Clínicas de Curitiba - UFPR; Fundação Criança Renal; Hospital Santa Casa (Cornélio Procópio). Estado de Santa Catarina: Hospital Infantil Joana de Gusmão (Florianópolis); Hospital Infantil Seara do Bem (Lages); Hospital Hélio Anjos Ortiz (Curitibanos); Hospital Regional Alto Vale (Itajaí); Hospital Universitário de Santa Catarina (Florianópolis); Hospital Regional de Chapecó (Chapecó); Hospital Nossa Senhora da Conceição (Tubarão). Estado do Rio Grande do Sul: Hospital de Clínicas de Porto Alegre – UFRGS (Porto Alegre); Hospital da Criança Santo Antônio (Porto Alegre); Hospital Universitário de Santa Maria – UFSM (Santa Maria); Hospital São Vivente de Paulo- HSVP (Passo Fundo); Hospital Santa Terezinha (Erechim). (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO REGIONAL DO PARANÁ, 2009).

O aumento do número de classes hospitalares, nas últimas duas décadas, é resultado de estudos, discussões e legislações criadas acerca da infância e da adolescência, suas necessidades e direitos, incluindo o direito à educação em qualquer circunstância. No entanto,

se fizermos um paralelo entre o número de hospitais que atendem crianças e adolescentes, em todo o território brasileiro, com o número de hospitais que possuem classes hospitalares, conseguimos perceber claramente o quanto ainda é necessário avançar em legislações que assegurem essa modalidade de ensino.

1.6.1 Classe Hospitalar de Santa Catarina

No Estado de Santa Catarina, a classe hospitalar surge em 1999, inicialmente com atendimento educacional no Hospital Infantil Joana de Gusmão (HIJG), na cidade de Florianópolis, estendendo-se, no ano de 2000, ao Hospital Infantil Seara do Bem, na cidade de Lages, através de convênios entre a Secretaria de Estado da Educação e do Desporto (SED) e a Secretaria da Saúde. Em 05 de março de 2001, a SED lança a Portaria nº 030, que regulamenta o atendimento da classe hospitalar, em âmbito estadual. Tal Portaria “dispõe sobre a implantação de atendimento educacional na Classe Hospitalar para crianças e adolescentes matriculados na Pré-Escola do Ensino Fundamental, internados em hospitais”.

Uma pesquisa realizada por Cardoso (2006) dá visibilidade às classes hospitalares do estado de Santa Catarina, caracterizando e descrevendo esses espaços, desde os aspectos físicos até a prática pedagógica exercida pelos professores no ambiente hospitalar. Existem em funcionamento em Santa Catarina 11 classes hospitalares, distribuídas pelas regiões do estado, mantidas através do convênio com a SED. Todas as classes hospitalares estão vinculadas a uma Escola da rede Estadual de Ensino, de onde é cedido o professor para desenvolver o trabalho dentro do espaço hospitalar. O número de classes hospitalares por região do estado se apresentava da seguinte maneira: Região Oeste – 3 classes hospitalares; Meio-Oeste – 2 classes hospitalares; Região Serrana – 1 classe hospitalar; Alto Vale – 3 classes hospitalares; Região Sul – 1 classe hospitalar; Grande Florianópolis – 1 classe hospitalar e Litoral Norte – 1 classe hospitalar.

O atendimento pedagógico oferecido nas classes hospitalares do estado privilegia a educação infantil e o ensino fundamental, conforme determina a portaria que ampara legalmente o trabalho. E este é desenvolvido tanto nas classes, em grupos, como também nos leitos, funcionando no período matutino e no período vespertino. Os professores que atuam nas classes hospitalares do estado, na sua maioria, possuem formação em Pedagogia, os demais em diferentes licenciaturas. Alguns possuem especialização nas áreas da psicopedagogia e psicologia da educação.

Muito embora a formação da maioria dos profissionais das classes hospitalares do estado seja na área educacional, há uma carência na formação para a atuação no ambiente hospitalar.

Ao descrever os espaços das classes hospitalares, Cardoso (2006) destaca que são agradáveis e acolhedores, sugerindo às crianças recordações do ambiente da escola, diferenciando-se das mesmas na forma de organização, com mesas no lugar de carteiras, jogos, brinquedos e também computadores. Funcionam em espaços próprios dentro do hospital, alguns considerados muito bons, já outros pequenos e apertados. A grande maioria das classes hospitalares funciona em adaptações do que, algum dia, foi quarto, sala de espera, enfermaria ou sala de depósito.

Os materiais e equipamentos existentes nas classes hospitalares são cedidos pela Secretaria de Estado da Educação, pela Secretaria de Saúde ou são provenientes de doações realizadas por grupos de voluntários ou pessoas da comunidade.

A partir de 2009, a Normativa/SED 001/2008, emanada pela Secretaria de Educação do Estado, baixou normas que modificaram, em parte, a regulamentação das classes hospitalares existentes. Um exemplo é a exigência de que, para atuar em CH do estado, o professor fosse do quadro permanente da rede estadual de ensino com carga excedente (ou seja, um professor com contrato de 40 horas, mas que na escola regular contasse com 20 horas de trabalho efetivo em sala de aula), bem como a exigência em relação ao número de estudantes atendidos pelo professor.

1.6.2 Pedagogia Hospitalar no Paraná

Segundo Matos (2009), a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), em sua política educacional, tem como princípios: defesa da educação como direito do cidadão; a valorização dos profissionais da educação; garantia da escola pública, gratuita e de qualidade; atendimento à diversidade cultural e a gestão escolar democrática, participativa e colegiada.

É, ainda, nessa forma de organização que vem se discutindo o atendimento educacional hospitalar, adotando encaminhamentos que respeitem a diversidade e as especificidades deste campo educacional, na busca de se universalizar a educação. Ainda, nessa perspectiva, visa reduzir as desigualdades sociais, pois a articulação de propostas educacionais com o desenvolvimento econômico, social, político e cultural da sociedade buscam garantir os princípios da defesa da educação básica e da escola pública, gratuita e de qualidade, como direito fundamental do cidadão.

Como explica Matos (2009), o SAREH (Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar) possui estas características, pois visa à universalização do acesso à educação básica a crianças, adolescentes, jovens e adultos que se encontram afastados da escola por motivo de tratamento de saúde. Entendemos que, ao ser paciente em situação de internamento, o educando tem, em muitos casos, a sua identidade transformada, uma vez que ele se vê inserido em um espaço diferente da sua rotina diária.

Ao criar o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH, o Estado do Paraná, por meio do SEED, objetiva implantar o atendimento educacional aos educandos que se encontram impossibilitados de frequentar a escola em virtude de situação de internamento hospitalar ou sob outras formas de tratamento de saúde, permitindo-lhes a continuidade do processo de escolarização, bem como sua inserção ou reinserção em seu ambiente escolar. (MATOS, 2009, p.25).

Em julho de 2005, criou-se no Estado do Paraná, uma comissão regulamentada por meio da Resolução Secretarial n.2090/05. Esta comissão foi presidida pela Assessoria da Superintendência da Educação e contou com representantes dos departamentos de ensino e das demais unidades da SEED. No decorrer dos trabalhos da comissão, houve a incorporação de representantes de outros setores da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, o que levou à publicação Resolução Secretarial n.3302/05.

Com finalidade de discutir e propor ações que viabilizassem a implantação do serviço de Atendimento à Rede de escolarização hospitalar, a nova comissão deu continuidade aos trabalhos, subdividindo-se em quatro grupos, para tratar dos seguintes assuntos: questões legais e de recursos humanos; currículo; espaço físico e materiais pedagógicos; capacitação.

Ainda como relata Matos (2009), oito instituições conveniadas se localizam em três regiões do Estado do Paraná, as quais foram indicadas para as atividades. São elas: Associação Paranaense de Apoio à Criança com Neoplasia APACN - Curitiba; Hospital Universitário Evangélico - Curitiba; Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná - Curitiba; Hospital do Trabalhador - Curitiba; Hospital Erasto Gaertner - Curitiba; Associação Hospitalar de Proteção à Infância Doutor Raul Carneiro/ Hospital Pequeno Príncipe - Curitiba; Hospital Universitário Regional - Maringá; Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná - Londrina.

Nesses Núcleos Regionais de Educação citados acima, o responsável pelo SAREH tem como atribuições: acompanhar e supervisionar a implantação e implementação do SAREH nas instituições conveniadas; divulgar as ações, sobre essa forma de atendimento nas escolas;

assessorar os professores pedagogos designados para esse trabalho; organizar a sistematização de um banco de dados sobre os atendimentos educacionais realizados.

No campo pedagógico nos hospitais, confirma-se a existência de um saber voltado à criança em um ambiente hospitalar, envolvido no processo ensino e aprendizagem, instaurando-se aí um corpo de conhecimentos de apoio que justifica a chamada Pedagogia Hospitalar, deixando evidente, segundo os parâmetros legais, que para atuar com esse tipo de atendimento aos alunos hospitalizados, a docência só poderá ser ministrada por profissionais vinculados ao sistema de educação, em pleno exercício de suas funções e com sua formação continuada garantida.

Tendo em vista que o processo de formação continuada e a produção de materiais de apoio pedagógico aos professores são ações prioritárias da política educacional da SEED, o início das atividades dos professores previu o evento “Educação e Saúde-Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar e à Prática Pedagógica”, cujo objetivo foi subsidiar os professores no desenvolvimento de suas atividades docentes, no âmbito do atendimento educacional hospitalar. (MATOS, 2009, p.29).

No que diz respeito ao desenvolvimento das atividades de capacitação, foi proposto à finalidade do acompanhamento aos professores, por meio de reuniões periódicas, para discussão sobre o exercício da prática docente em ambiente hospitalar, para que se instaure um processo da implantação do SAREH.

Além do planejamento das ações de formação continuada, a equipe de professores conta com a aquisição de materiais pedagógicos, acervo bibliográfico e equipamentos de informática para contribuir na melhoria de suas práticas pedagógicas.

Dessa forma, o SAREH se configura como fruto do reconhecimento oficial de que, independente do período de hospitalização, os educandos em situação de internamento tem garantido o direito à educação. Esse serviço vem ao encontro dos princípios estabelecidos na política educacional para o Estado do Paraná, garantindo a estes que uma enfermidade eventual não seja considerada apenas como uma fase dolorosa em suas vidas, mas, também, como um período em que eles possam usufruir dos seus direitos como cidadão. (MATOS, 2009, p.32).

O objetivo do SAREH é atender os alunos que se encontram hospitalizados ou que não podem frequentar a escola por problemas de saúde. O programa permite que os alunos deem continuidade ao processo de escolarização, inserção ou reinserção em seu ambiente escolar.

Considerando o compromisso social que compreende a educação e a saúde como direitos sociais, deparamo-nos com a relevância do atendimento educacional hospitalar, o qual tem sua sustentabilidade na interação e cooperação entre a equipe hospitalar e a da educação. Graças à multiplicidade de fatores que envolvem o contexto atual, esse tema deve constituir-

se em uma fonte de pesquisa e investigação devido não só à sua grande importância, mas também quanto à necessidade urgente de pesquisas que venham a enriquecer esse novo campo de trabalho dos educadores.

No próximo capítulo, será apresentada a metodologia utilizada para a presente pesquisa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve como base o estudo de fontes teóricas, cujas temáticas relacionam-se à Pedagogia no Hospital, a fim de levantar proposições que possibilitem o desenvolvimento de estratégias efetivas para a manutenção da escolarização de crianças hospitalizadas. As considerações bibliográficas voltadas para o campo da Pedagogia no Hospital se deram em virtude da necessidade da compreensão do papel do pedagogo hospitalar.

Nessa perspectiva, esta pesquisa possuiu abordagem qualitativa, pois direcionou-se à obtenção de dados, mediante os quais foi possível o entendimento e a interpretação dos fenômenos estudados, proporcionando a interação com o objeto de estudo. A partir da fundamentação teórica, foi feita a análise das informações coletadas, com o intuito de verificar e elaborar propostas voltadas para a contribuição da Pedagogia no Hospital, no que se destaca a escolarização de crianças em período de hospitalização.

É importante apresentar, a partir daqui, o conceito e as características da pesquisa qualitativa. Para alguns autores, Pesquisa Qualitativa é uma “expressão genérica”. Deve-se verificar que ela possui atividades de investigação que se apresentam de forma específica e possuem características de traços comuns. Devendo-se perceber dois aspectos: o primeiro, as peculiaridades da pesquisa qualitativa, e o segundo, as modalidades dos tipos de investigação.

A pesquisa qualitativa surgiu na antropologia de maneira mais ou menos naturalística, e, na sua tradição antropológica, ficou conhecida como investigação etnográfica. Alguns a definem como sendo “o estudo da cultura”. Cabe, aqui, salientarmos algumas de suas denominações:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Para a concretização deste trabalho, foi feito, primeiramente, uma abordagem exploratória-interpretativa, pesquisa bibliográfica, com fontes secundárias, da literatura acadêmica tornada pública em relação ao tema de estudo, em prol de um melhor entendimento

(GIL, 2007). Baseando-se em autores que discutem sobre a prática pedagógica em hospitais, este levantamento se deu através de estudos em livros e artigos científicos.

A pesquisa bibliográfica “[...] tem como objetivo encontrar respostas aos problemas formulados, e o recurso utilizado para isso é a consulta dos documentos bibliográficos” (CERVO; BERVIAN, 2002, p.81). Além disso, “a documentação bibliográfica destina-se ao registro dos dados de forma e conteúdo de um documento escrito: livro, artigo, capítulo, resenha, etc. Ela constitui uma espécie de certidão de identidade desse documento” (SEVERINO, 2007, p.70).

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet, entre outras fontes.

Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

O embasamento teórico utilizado para a pesquisa se baseou em alguns autores que contribuíram para as análises, contemplando a leitura, análise e interpretação de livros, artigos e legislação, envolvendo assuntos norteadores e autores respectivamente significativos, como: Aranha (2006), Schilke (2008), Lopes (2007), Marcilio (1998), os quais trabalham o conceito da pedagogia hospitalar e como ela surgiu; Cruz (2009), Carneiro (2010), Brasil (2001), Menezes (2009), os quais fazem considerações acerca das bases legais e da legislação; e Libâneo (1998), Matos e Muggiati (2007), Lopes (2007), Viegas (2008), no tocante ao contexto da criança hospitalizada.

Atualmente, a prática do pedagogo deixou de ser atuada somente dentro das salas de aula, ou seja, em uma educação formal. De acordo com Farfus (2012, p. 81), “a educação, atualmente, não se faz mais apenas dentro dos muros escolares, mais vai além”. Diante disso, percebemos que o desenvolvimento global tecnológico e ideológico de uma sociedade inclusiva e da igualdade social forçou o surgimento de uma nova maneira de pensar sobre a

educação. Assim, o processo de ensino e aprendizagem se tornou prioridade, não somente nos muros das escolas, mas em outros espaços, cujo objetivo é a formação humana.

Farfus (2012, p. 81) complementa que: “a organização dos espaços educativos requer um olhar mais amplo para o processo educacional”. Segundo a autora, compreende-se que são muito diferentes os espaços onde a atuação do pedagogo é necessária, para que seja aplicada a prática pedagógica sistematizada, sendo necessário um profissional que esteja preparado. Assim, cabe aos profissionais que atuam na educação um processo de formação para atuar em diferentes espaços escolares.

Libâneo (2001) destaca que:

Há várias práticas educativas, em muitos lugares e sob variadas modalidades, há, por consequência várias Pedagogia: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., e também a pedagogia escolar (LIBÂNEO, 2001, p.24).

Diante disso, percebemos que o pedagogo pode executar suas práticas educativas em espaços alternativos, promovendo uma educação eficaz àqueles que são privados de poder ir à escola devido à sua situação. Assim, as práticas educativas na “educação formal compreenderiam instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática” (LIBÂNEO, 2001, p. 23).

Várias outras instâncias e atividades sociais foram se desenvolvendo e vendo a necessidade de ações e projetos educativos. Com isso, surge a necessidade de um mediador capaz de unir a teoria e a prática. Este profissional não podia ser ninguém melhor do que o pedagogo.

De acordo com Farfus:

O processo de formação do pedagogo e de profissionais que atuam em educação requer, atualmente, o desenvolvimento de novos conhecimentos, habilidades e atitudes, para sua atuação seja efetiva (FARFUS, 2012, p. 81).

A metodologia desenvolvida para a realização deste trabalho baseou-se em três momentos. No primeiro momento, a pesquisa bibliográfica ocorreu através da leitura dos textos adotados pelos principais autores como: Matos e Mugiatti (2009), Fontes (2005) e Schilke (2008), e foi possível questionar e destacar suas concepções e contribuições. Depois,

no segundo momento, a análise e exploração de textos completos em anais no Educere¹, no eixo comunicação sobre o tema pedagogia hospitalar. Por fim, no terceiro momento, se deu a análise e interpretação dos resultados encontrados.

Em seguida, analisou-se textos completos nos anais do Educere,² evento que acontece a cada dois anos, sobre o tema a pedagogia hospitalar nos anos de (2011 e 2013), onde foram encontrados mais de 35 produções científicas que falam sobre a pedagogia hospitalar. Depois disso, foi feito um recorte sobre o tema da atuação pedagógica dos profissionais, onde foram encontrados 12 produções científicas sobre o recorte.

Com o material já organizado, o texto da pesquisa foi construído a partir da análise e interpretação dos dados, ou seja, na análise entre os resultados da pesquisa com os artigos e livros encontrados que fizeram parte do referencial teórico abordado durante a pesquisa.

Algumas categorias foram consideradas em forma de comparativos dispostos em quadros³, onde analisou-se as Definições e Objetivos das expressões: pedagogia hospitalar com recorte na atuação pedagógica em espaços não formais hospitalar, a fim de perceber as aproximações e os distanciamentos nos documentos acima citados. No eixo pedagogia hospitalar, foram encontrados 35 textos sobre o tema nos anos de 2011 e 2013. Assim, passamos a descrever os títulos dos textos encontrados:

2.1 DESCRIÇÕES DOS DADOS COLETADOS

	2011
1	<i>A formação de professores e a utilização das mesas educacionais como meio pedagógico integrado a proposta de escolarização em contexto hospitalar.</i>
2	<i>A inclusão do pedagogo hospitalar na equipe multiprofissional de saúde.</i>
3	<i>A pedagogia hospitalar aliada ao paradigma da complexidade.</i>
4	<i>As diversas concepções de currículo das escolas nos hospitais: uma análise do sistema de atendimento a rede de escolarização hospitalar-SAREH/PR.</i>
5	<i>Competências do professor na pedagogia hospitalar.</i>
6	<i>Interações recorrentes: a prática pedagógica hospitalar e o currículo escolar.</i>
7	<i>O atendimento educacional domiciliar ao aluno afastado da escola por motivo de doença</i>
8	<i>O papel da literatura infantil para crianças e adolescentes hospitalizados no enfretamento dos medos infantis.</i>

¹ Promover o surgimento de dentro para fora das potencialidades que o indivíduo possui.

² Escolhi analisar os textos do EDUCERE por ser um evento que acontece no Estado do Paraná onde encontra-se várias pesquisas sobre o tema pedagogia hospitalar. O evento do Educere acontece a cada dois anos, com isso foram analisados produções no eixo Comunicação nos anos de 2011 e 2013 onde nesse período encontram-se várias produções sobre o tema.

³ Os quadros de comparação estão inseridos nos Apêndices deste TCC.

9	<i>O perfil do professor do hospital-em um outro contexto, um novo desafio.</i>
10	<i>Percepção da classe hospitalar no município de Salvador: um estudo exploratório envolvendo gestores.</i>
11	<i>Quem é o professor que trabalha em hospital: reflexões sobre sua identidade.</i>
2013	
1	<i>A escuta pedagógica da criança hospitalizada: relações e possibilidades de aprendizagem e adaptação ao espaço hospitalar.</i>
2	<i>A importância da pedagogia hospitalar para crianças de 0 a 5 anos de idade em tratamento de saúde.</i>
3	<i>A importância e os desafios do atendimento pedagógico hospitalar sobre o olhar de enfermeiros.</i>
4	<i>A vida em casa, escola, hospital e agora em casa de apoio: uma parceria de desafios e fraternidade.</i>
5	<i>Classe hospitalar do hospital Universitário de Santa Maria: Espaço de fomento investigativo.</i>
6	<i>Classe hospitalar: um ponto de apoio na luta pela saúde e pela vontade de viver.</i>
7	<i>Desafios para a construção de conhecimento sobre o atendimento escolar em hospitais.</i>
8	<i>Dificuldades de aprendizagem enfrentadas por escolares na classe hospitalar: avaliação mediada pela Epistemologia convergente.</i>
9	<i>Educação para o conviver e a festa da aprendizagem: o gestor educador e o trabalho pedagógico no hospital.</i>
10	<i>Escolarização hospitalar- hospital Erasto Gaertner.</i>
11	<i>Escolarização hospitalar: contribuições da epistemologia da pratica a formação docente.</i>
12	<i>Estagio supervisionado em pedagogia hospitalar: desafios e perspectivas de atuação do pedagogo em ambientes não escolares.</i>
13	<i>Eureka- ambiente virtual favorecendo a formação continuada online de professores que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde.</i>
14	<i>O adolescente com câncer adverte: eu também posso ser uma vitima do fracasso escolar.</i>
15	<i>O hospital e a classe hospitalar em narrativas de crianças hospitalizadas: vozes que ecoam.</i>
16	<i>O jogo dramático com crianças em contexto hospitalar.</i>
17	<i>Pedagogia hospitalar no Brasil: atuação docente nas classes hospitalares.</i>
18	<i>Políticas publicas destinada ao atendimento pedagógico hospitalar: a visibilidade e invisibilidade destes trabalhos no Paraná.</i>
19	<i>Práxis das pedagogas em um hospital estadual na cidade de Parnaíba-PI.</i>
20	<i>Reflexões sobre o papel dos professores e pedagogos na constituição do currículo escolar em contexto hospitalar.</i>
21	<i>Relação professor-aluno: Um diferencial na classe hospitalar</i>
22	<i>Tecnologias da informação e comunicação para profissionais que atuam junto aos escolares hospitalizados o em atendimento domiciliar: uma real possibilidade para a pedagogia hospitalar?</i>
23	<i>Um breve histórico sobre as classes hospitalares no Brasil e no Mundo.</i>
24	<i>Atendimento pedagógico domiciliar: desafios e possibilidades na rede Estadual de ensino do núcleo regional de educação de Guarapuava/ PR.</i>

Com base nos 35 textos encontrados, realizamos a leitura para diagnosticar quantos textos abordavam o tema a atuação docente no ambiente hospitalar.

Diante desses argumentos, no próximo capítulo, serão apresentadas as análises e interpretação dos dados coletados, procurando discutir e refletir teoricamente a partir das evidências constatadas.

A análise, com base na análise de conteúdo de Bardin, buscou identificar as aproximações das discussões dos textos de modo de diagnosticar como se dá a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de “análise das comunicações”, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2010). Essa afirmação é contestada pela própria Bardin, ao referir que não é um conceito suficiente para definir análise de conteúdo, e argumenta, ainda, que a intenção é inferir conhecimentos relativos às condições de produção (ou de recepção, eventualmente), que podem ocorrer por meio de indicadores quantitativos ou não (CAMPOS, 2004).

Para Bardin (2010), a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. De acordo com Mozzato e Grzybovski (2011, p. 732), trata-se de uma “técnica” qualitativa de análise que é rica, importante e com potencial de desenvolvimento teórico no campo da administração, principalmente em estudos com abordagem qualitativa.

Diante desses argumentos, no próximo capítulo, serão apresentadas análises e interpretação dos dados coletados, procurando discutir e refletir teoricamente a partir das evidências constatadas.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste momento, apresentamos os resultados desta pesquisa, onde, primeiramente, trazemos informação a respeito dos resultados dos textos encontrados sobre a pedagogia hospitalar, nos anos de 2011 e 2013, e quais são as publicações que falam da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar.

Nas pesquisas, podemos perceber que, no ano de 2011, houve 11 publicações de artigos que falam da pedagogia hospitalar, dentre os quais 5 dessas publicações falam a respeito do professor, da atuação desse profissional na pedagogia hospitalar, que são essas:

1	<i>A formação de professores e a utilização das mesas educacionais como meio pedagógico integrado a proposta de escolarização em contexto hospitalar.</i>
2	<i>A inclusão do pedagogo hospitalar na equipe multiprofissional de saúde.</i>
3	<i>Competências do professor na pedagogia hospitalar.</i>
4	<i>O perfil do professor do hospital-em um outro contexto, um novo desafio.</i>
5	<i>Quem é o professor que trabalha em hospital: reflexões sobre sua identidade.</i>

A primeira publicação, cujo tema consiste na atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, foi escrita pela autora Giselli Cristiane Silva, que apresenta 16 páginas com o tema: *A formação de professores e utilização das mesas educacionais como meio pedagógico integrado a proposta de Escolarização em contexto hospitalar.*

O principal objetivo desse texto é de apresentar os resultados obtidos durante a pesquisa de Mestrado do Programa de Pós – Graduação em Educação – PPGE da PUC- PR, realizada entre os meses de agosto de 2010 a julho de 2011, onde o enfoque da discussão foi o de analisar a formação do professor que atua na escolarização hospitalizada, bem como verificar como está inserindo a Mesa Educacional Alfabeto em sua prática pedagógica. Esta pesquisa envolve uma investigação de cunho qualitativo e tipo exploratória. Teve como cenário de investigação a prática docente no hospital e uma instituição que desenvolve a Mesa Educacional Alfabeto. A pesquisa teve início a partir da observação da prática pedagógica da coordenação que atua na escolarização hospitalizada e de alguns professores. Investigou-se também o espaço físico do hospital no que se refere ao atendimento escolar, bem como os recursos tecnológicos disponíveis e utilizados nas práticas pedagógicas dos professores.

Partindo dessas considerações, foi delimitado o seguinte problema de pesquisa: Qual é a formação do professor para atuar na escolarização hospitalar e como ele está preparado para

utilizar a Mesa Educacional Alfabeto em sua prática pedagógica junto ao escolar hospitalizado? Os profissionais envolvidos são os profissionais do SAREH – Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalizada e da Rede Municipal de Educação. Autores como Behrens (2009), Freire (1996), Matos (2008), Moran, Masetto e Behrens (2008), Tardif (2007), entre outros, contribuiriam teoricamente para que esta pesquisa se efetivasse. Os resultados apontam que as tecnologias como meio pedagógico estão fortemente inseridos em contexto de escolarização hospitalizada e deixa claro que a educação hoje compreende todos os níveis e contextos. O papel do professor nesse processo de luta pela vida da criança é bastante importante, pois por meio da educação, da relação de troca de vivências, podemos oportunizar momentos mais amenos em contexto hospitalar.

A segunda publicação com destaque no tema da atuação do pedagogo hospitalar é da autora Tyara Carvalho de Oliveira, o artigo possui 12 páginas com o tema: *A inclusão do pedagogo hospitalar na equipe multiprofissional de saúde*.

O principal objetivo desse texto é discutir as transformações na sociedade contemporânea que contribuiriam para consolidar o entendimento da educação como um fenômeno multifacetado. A educação, hoje, não é mais vivenciada apenas na escola. Há a necessidade, cada vez mais premente, de capacitar e trabalhar com profissionais da educação (professores, diretores, coordenadores, pedagogos) que respondam e atendam à diversidade das demandas da sociedade atual. As novas possibilidades de atuação desses profissionais rompem as barreiras e ultrapassam os muros da escola. Daí a necessidade do Pedagogo em diferentes ambientes educacionais localizados fora da escola. Nas empresas, nas organizações não governamentais (ONGs), nos meios de comunicações, nos órgãos sistêmicos (Secretarias, Ministérios) e nos hospitais, esse profissional é requisitado para atender as novas demandas sociais. Esse artigo tem como objetivo: mapear a função do pedagogo identificando a função e abrangência de atuação; refletir sobre a formação do Pedagogo e sua profissionalização; analisar os limites de atuação desse profissional, procurando elencar fatores que dificultam a sua ação pedagógica nos ambientes educacionais não escolares, neste caso o ambiente hospitalar.

Ainda chama atenção para o desconhecimento por parte dos profissionais da área da saúde, independente do seu grau de formação, das determinações legais que determinam a necessidade do oferecimento de atendimento pedagógico no ambiente hospitalar. Outro dado relevante indica que as pesquisas sobre formação de professores para atuar em hospitais mostram que formação docente centra-se no cotidiano da escola regular e os cursos de formação de profissionais da saúde não consideram o professor como participante da equipe

multidisciplinar que trabalha no ambiente hospitalar. Mas, afinal, qual será a função/atuação do Pedagogo Hospitalar na equipe Multiprofissional de Saúde?

A terceira publicação do ano de 2011 que fala da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar é do autor Jackes de Lima Ferreira- PUC/PR, cujo artigo apresenta 12 páginas com o tema: *Competências do professor na pedagogia hospitalar*. O principal objetivo deste texto é discutir sobre as competências profissionais que pedagogos e professores necessitam para atuar na Pedagogia Hospitalar de forma responsável, ética e profissional. O artigo originou-se a partir de uma pesquisa-ação realizada com 11 professores que participaram da disciplina de Biótica e Infecção Hospitalar em um processo de formação continuada dentro do Lato Sensu. A metodologia da pesquisa-ação foi proposta e discutida com os professores, o que possibilitou a elaboração de um contrato didático que estabelecia os encontros e seguia os seguintes procedimentos: aula teórica expositiva dialogada, indicações bibliográficas, discussões reflexivas das bibliografias, pesquisas individuais e coletivas e finalizava com a elaboração de uma síntese individual, na qual o professor descreve a sua experiência na formação continuada.

Este processo de formação contribuiu para a profissionalidade docente, ocorreu alguma mudança na prática pedagógica, ou competências foram construídas ao longo da formação continuada, possibilitando ao docente atuar no ambiente hospitalar consciente da sua responsabilidade? O grupo de professores refletiu sobre essas questões principalmente em relação às competências que o professor necessita para atuar no ambiente hospitalar a partir do caráter multidisciplinar da Educação e da Saúde. O objetivo proposto diante do grupo foi o de refletir sobre as competências profissionais que o docente, em sua formação inicial ou continuada, necessita para atuar no ambiente hospitalar. Incorporar em sua formação os conhecimentos ligados à área da Saúde faz do professor um profissional completo, pleno e capaz de efetivar o elo entre a Educação e Saúde na Pedagogia Hospitalar. Desta forma, o docente será capaz de agregar em sua formação competências que lhe permitam contribuir com o aluno-paciente, que se encontra em processo de escolarização hospitalar. E diante desta complexidade que é o ambiente hospitalar, competências profissionais são essenciais para colaborar com a alta do aluno-paciente.

O quarto texto que fala do professor no ambiente hospitalar é do autor Edson Bucko Tuffi - SEED-PR, o artigo apresenta 13 páginas, com o tema: *O perfil do professor do hospital- Em um outro contexto, um novo desafio*. O principal objetivo deste texto é abordar o trabalho do professor como sendo essencial para uma educação de qualidade no âmbito hospitalar. Assim sendo, ao se realizarem seleções de profissionais destinados a este fim,

buscam-se qualidades que são fundamentais para um bom desempenho na tarefa de educar dentro do hospital. Este texto visa a relatar as qualidades necessárias em um profissional da educação, seja ele pedagogo ou professor, a partir da vivência no cotidiano do trabalho pedagógico realizado na APACN (Associação Paranaense de Apoio à Criança com Neoplasia) e no Hospital do Trabalhador, ambas unidades conveniadas ao programa SAREH (Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar) da SEED – Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Descreve o perfil esperado do professor que atuará no ambiente hospitalar, feito a partir da observação dos próprios profissionais atuantes no programa e da literatura específica, aliando-se, assim, teoria e prática, a fim de descrever as qualidades necessárias do profissional da educação que pretenda educar no ambiente hospitalar.

Neste contexto, vamos discutir a atuação do professor frente a alguns princípios educativos específicos, como a afetividade, a escuta pedagógica e a humanização. Vamos apresentar alguns dos desafios do trabalho pedagógico e discutir a atuação do professor em função do tempo da criança hospitalizada, que é diferenciado neste contexto em relação ao da escola de ensino regular. Também destaca-se a discussão sobre a importância de um trabalho voltado para a melhora da autoestima do aluno paciente. O objetivo é apresentar as qualidades essenciais do profissional da educação no ambiente hospitalar, sem a pretensão de afirmar que são as únicas qualidades necessárias, pois, conforme as demandas futuras da educação hospitalar, outras poderão ser requeridas e descritas na literatura específica.

O quinto texto sobre o recorte da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar no ano de 2011 é da autora Ana Lucia Schike- FME/FAMATH, com o tema: *Quem é o professor que trabalha em hospital: Reflexões sobre sua identidade*. O principal objetivo deste texto é buscar compreender os sentidos atribuídos à identidade docente em espaço hospitalar, utilizando o referencial teórico das Representações Sociais. Para realização deste trabalho, foram utilizados os seguintes dispositivos na coleta de dados: um questionário preliminar, posteriormente, um novo questionário para validação dos dados obtidos; e entrevista conversacional com informante-chave. Na análise do material, foi adotado o teste de evocação, que teve como objetivo identificar o núcleo central e o sistema periférico que estruturam a representação social de ser professor no espaço hospitalar.

No levantamento realizado, foi observado um total de 111 palavras evocadas. Dentre este universo, 85 palavras eram diferentes. A enorme dispersão de palavras evocadas indicou que esta representação ainda se encontra em construção. Tal conclusão pode ser ratificada por meio da análise categorial temática do conteúdo das justificativas registradas pelos participantes da referida pesquisa. Assim, a partir de todo o material coletado e analisado, foi

possível identificar quatro categorias associadas à atuação do professor no espaço hospitalar: sensível, flexível, mediador e competente. Como estas características são atribuídas a docentes que atuam em qualquer instituição tais como escola, presídio, quilombolas, entre outras, foi realizado novo questionário para validação deste indício. Nesta etapa, foi ratificada a não especificidade do perfil do docente para atuar no hospital, o que poderia indicar que as discussões sobre ser professor neste espaço ainda são incipientes.

Já nas pesquisas feitas em textos dos anais do Educere no eixo comunicação no ano de 2013, podemos encontrar 24 publicações que falam sobre a Pedagogia Hospitalar, dentre os quais 7 dessas publicações falam do professor, da atuação do pedagogo na classe hospitalar, que são essas:

1	<i>Educação para o conviver e a questão da aprendizagem: o gestor educador e o trabalho pedagógico no hospital.</i>
2	<i>Estagio supervisionado em pedagogia hospitalar: desafios e perspectivas de atuação do pedagogo em ambientes não escolares.</i>
3	<i>Eureka- ambiente virtual favorecendo a formação continuada online de professores que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde.</i>
4	<i>Pedagogia hospitalar no Brasil: atuação docente nas classes hospitalares.</i>
5	<i>Práxis das pedagogas em um hospital estadual na cidade de Parnaíba-PI.</i>
6	<i>Reflexões sobre o papel dos professores e pedagogos na constituição do currículo escolar em contexto hospitalar.</i>
7	<i>Relação professor-aluno: Um diferencial na classe hospitalar.</i>

A primeira publicação, texto que fala do professor ou da atuação pedagógica, é da autora Regina Lucia Giffoni Luz de Brito-PUC/SP, o artigo apresenta 18 páginas com o tema: *Educação para conviver e a gestão da aprendizagem: o gestor educador e o trabalho pedagógico no hospital*. O principal objetivo deste texto é debater e refletir acerca dos orientandos atuais e egressos: mestrados e doutorandos, mestres e doutores, no desenvolvimento do projeto de pesquisa, sob coordenação da pesquisadora, intitulado: *Formação, atuação do Educador e Gestão Educacional*, em andamento, na Linha de Pesquisa 'Formação de Educadores', do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em sua maioria, os alunos são ou foram subsidiados pelas bolsas CAPES e CNPQ em suas dissertações e teses. O projeto em pauta integra o relatório anual apresentado pelo citado Programa à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

A pesquisa aprofunda os estudos sobre a formação e as diferentes possibilidades de atuação de Educadores, incluindo o trabalho pedagógico no hospital, sob o ponto de vista da mudança e da inovação educacional. Parte-se da premissa das várias possibilidades e dificuldades que se vislumbram para a atuação do educador, considerando-se antigas e novas demandas educacionais, o que, não raro, implica na revisão e reconcepção dos papéis usualmente considerados. Entre os pontos levantados junto aos pesquisados, destacamos que a escola, em qualquer espaço que venha se constituir, incluindo o hospitalar, seja uma escola responsável, atuante e atual, comprometido com o processo de ensino e de aprendizagem e, portanto, com a formação para o mundo do trabalho e a cidadania. Isto implica em possibilidades reais de currículos inovadores; em uma formação de docentes que de fato permita construir suas identidades profissionais, seus saberes e competências guiados pela ética e a bioética e, se gestores, que suas responsabilidades tenham por base prioritariamente, a condição de educadores.

O segundo texto que fala sobre o professor é da autora Rosilene Ferreira Gonçalves Silva- UEPA/FSCMPA, o artigo apresenta 17 páginas, com o tema: *Estágio supervisionado em pedagogia hospitalar: desafios e perspectivas de atuação do pedagogo em ambientes não escolares*. O principal objetivo deste texto é refletir sobre as experiências de estágio supervisionado em instituições não escolares, mas especificamente no ambiente hospitalar. Objetiva analisar esse “novo” espaço de atuação do pedagogo e a dinâmica de desenvolvimento do estágio na pedagogia hospitalar e suas contribuições para a formação inicial do futuro pedagogo. Visa, ainda, socializar as experiências vivenciadas no estágio, como forma de contribuir para a ampliação desses espaços e fortalecer o debate sobre a pedagogia hospitalar como campo em ascensão para atuação dos profissionais da educação. A metodologia da pesquisa baseou-se em vivências adquiridas enquanto docente da disciplina Estágio Supervisionado em Instituições Não Escolares e Ambientes Populares do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, além de análise documental e revisão da literatura.

A experiência de estágio foi realizada em um hospital de ensino e pesquisa, referência em saúde da mulher e da criança no estado do Pará, que congrega em suas ações brinquedoteca e classe hospitalar, com a participação de pedagogos do Hospital e da Secretaria Estadual de Educação. Os resultados nos permitem inferir que estes espaços de estágio ampliam a visão dos futuros pedagogos, quanto aos seus campos de atuação, bem como, fortalecem a sua formação, contribuindo para uma atuação mais dinâmica e comprometida com os educandos impossibilitados de frequentar a escola regular por motivo

de internação hospitalar. Nesse sentido, as discussões aqui apresentadas poderão estimular a inquietação e a curiosidade acadêmica no sentido de ampliar o debate sobre o curso de pedagogia e os novos campos de atuação do pedagogo.

A terceira publicação do texto sobre a atuação pedagógica em hospitais é dos autores Marilda Aparecida Behrens, Jackes de Lima Ferreira e Elizete Lucia Moreira Matos, o artigo apresenta 12 páginas com o tema: *EUREKA- Ambiente virtual favorecendo a formação continuada online de professores que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde*. O principal objetivo deste texto é investigar um grupo de pesquisa consolidado voltado à formação pedagógica de professores e, neste caso, os docentes que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde na educação básica. Esta pesquisa construiu um espaço inovador para oferecer formação pedagógica em modalidade online para professores que se propuseram a participar desta formação pedagógica por meio do ambiente virtual Eureka. Como problematização, esta pesquisa buscou oferecer uma ação docente no paradigma da complexidade. Na busca da superação de uma prática pedagógica conservadora, onde objetiva-se uma visão crítica para o desenvolvimento de metodologias que busquem a produção do conhecimento e a apropriação e utilização de tecnologias disponíveis. Este artigo tem como objetivo geral planejar, desenvolver e avaliar um processo de formação pedagógica ofertada com o apoio de um ambiente virtual de aprendizagem para professores que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, uma pesquisa-ação que permitiu uma intervenção junto aos docentes que se propuseram a participar deste processo.

A pesquisa-ação realizada prende-se à necessidade de investigar as impressões dos docentes envolvidos no estudo sobre a participação e vivência nos módulos propostos durante a formação pedagógica online e sua possível aplicação na prática docente, bem como, a provável utilização de recursos tecnológicos para ensinar e para aprender. A pesquisa fundamenta-se em autores como Moran (2007), Kenski (2007); Morin (2000); Freire (2000, 2001); Matos (2001, 2009, 2010), Tardif (2006), Levy (1996, 1999); Behrens (2005; 2006); Torres (2004); Gonzáles-Simancas (1990), entre outros pesquisadores. Dentre as temáticas que compõem esta investigação, destacam-se a prática docente, os processos pedagógicos e suas tendências, a formação docente para atuar na educação básica com o paradigma da complexidade, as metodologias que proporcionam à produção do conhecimento, a formação profissional do professor pesquisador, a utilização de tecnologias e mídias diferenciadas, entre outras. A capacitação realizada para a formação de professores online permitiu abrir novos

espaços metodológicos à prática pedagógica e ampliar a visão diante da complexidade que é atuar como professor no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde.

O quarto texto com o tema atuação docente no hospital é da autora Maria do Carmo da Silva Wiese- PUC/PR, o artigo apresenta 12 páginas com o tema: *Pedagogia hospitalar no Brasil: Atuação docente nas classes hospitalares*. O principal objetivo deste texto é tomar ciência sobre as instituições de saúde brasileiras que realizam atendimento pedagógico junto a crianças e adolescentes em idade escolar e qual a formação dos profissionais que nela atuam. A Escolarização Hospitalar nasceu na França em 1935 com Henri Sellier, que fundou em Paris a primeira Classe de Escolarização Hospitalar, visando dar continuidade às atividades escolares de crianças vítimas de doenças causadas pela 2ª Guerra Mundial, época considerada como marco decisório na origem da Escolarização Hospitalar. A partir de 1939, surge necessidade de defender por meio de políticas públicas, a legalização deste tipo de atendimento pedagógico, preocupando-se com a garantia do direito à educação destes estudantes hospitalizados e com a formação de profissionais para atuarem neste contexto.

O Programa de Atendimento Pedagógico em ambiente hospitalar representa o cumprimento da legislação vigente no Brasil, garantindo aos escolares internados o direito de acompanhar o currículo escolar durante sua permanência no hospital. Esta vertente da pedagogia vem ganhando força em nosso país, com inúmeros projetos de sucesso na área da “Escolarização Hospitalar”, presente em mais de vinte Estados da Federação Brasileira. O objetivo desta pesquisa é sistematizar a realidade vivida por esta forma de atendimento pedagógico hospitalar, destacando as respectivas classes hospitalares existentes nestes ambientes, a fim de abordar as necessidades no campo da Pedagogia Hospitalar, da formação de pedagogos escolares. Como resultado preliminar, a partir da análise das investigações, foi possível identificar lacunas e campos inexplorados disponíveis a pesquisas futuras, considerando diferentes contextos históricos.

O quinto texto sobre a atuação docente nos hospitais é das autoras Ana Patricia Coelho Souza e Renata Cristina da Cunha- FAP, o artigo apresenta 15 páginas com o tema: *Práxis das pedagogas em um hospital estadual na cidade de Parnaíba-PI*. O principal objetivo deste texto é apresentar resultados de uma pesquisa, cuja finalidade foi realizar um estudo acerca da prática pedagógica desenvolvida no âmbito da Pedagogia Hospitalar. O interesse pela temática surgiu com a participação ativa no projeto Pedagogiar, desenvolvido anualmente pelo curso de Pedagogia da Faculdade Piauiense- FAP com o intuito de celebrar o dia do Pedagogo em 20 de maio por meio de atividades pedagógicas desenvolvidas nos hospitais da cidade. A investigação partiu da seguinte questão: Qual é a prática pedagógica adotada pelo

pedagogo em um hospital público estadual da cidade de Parnaíba-PI? Para responder essa questão, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: Investigar a prática pedagógica do pedagogo em um hospital público estadual da cidade de Parnaíba-PI. Especificamente, procurou-se: traçar o perfil do pedagogo que atua no hospital pesquisado; conhecer a prática pedagógica desse pedagogo hospitalar no processo educacional de crianças e jovens enfermos e analisar a prática pedagógica desenvolvida por esse profissional no ambiente hospitalar. Devido ao objeto de estudo, optou-se pela pesquisa de campo com abordagem qualitativa e, para a produção dos dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada e a observação não participante das práticas pedagógicas das duas pedagogas do hospital. Para fundamentar o estudo, dialogou-se com os autores que se dedicam à temática: Matos e Mugiatti (2007), Libâneo (2002) e Porto (2010). Os dados da investigação levaram a refletir sobre a importância de habilidades em práticas pedagógicas no hospital, evidenciadas principalmente no trabalho das partícipes, como uma alternativa de aprendizagem e de motivação dos pequenos enfermos hospitalizados.

O sexto texto que fala sobre o papel do pedagogo no contexto hospitalar é da autora Elismara Zaias- UEPG, o artigo possui 12 páginas, apresenta o seguinte tema: *Reflexões sobre o papel dos professores e pedagogos na constituição do currículo escolar em contexto hospitalar*. O principal objetivo do texto é de uma reflexão sobre a necessidade da constituição do currículo em contexto hospitalar. Para tanto, esta pesquisa tem por objetivo analisar o papel dos professores e pedagogos na constituição do currículo em contexto hospitalar de três hospitais paranaenses que contemplam o Sistema de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH. Para realizar a análise, utilizou-se das seguintes estratégias metodológicas: a) entrevistas com doze professores e três pedagogos que atuavam no programa; b) análise das Propostas Pedagógicas Curriculares - PPCs de cada instituição; c) observação das práticas pedagógicas efetivadas em cada realidade.

Para fundamentar as reflexões em torno da discussão sobre currículo, utilizou-se das ideias de Gimeno Sacristán (1998ab, 2000, 2007) e demais autores que discutem a perspectiva da educação em contexto hospitalar: Arosa e Schilke (2007), Ortiz e Freitas (2002), Paula (2005, 2007), Vasconcelos (2006), dentre outros. Foi possível constatar que os professores e pedagogos têm papel preponderante na efetivação do currículo em contexto hospitalar, e demonstraram a necessidade de construir um currículo comum para o SAREH que identifique a identidade do Programa e a organização curricular do mesmo. Neste sentido, cabe destacar as indicações de Gimeno Sacristán (2000) a respeito do currículo comum no que pertence a

graus de comunalidade (currículo geral do SAREH) e graus de diferenciação (proposta curricular de cada hospital) para a organização pedagógica do currículo do Programa.

O sétimo texto que fala do papel do professor e pedagogo no ambiente hospitalar é das autoras Jucilene Teles de Queiroz Machado e Jurema Reis Sampaio Campos- SMED/SSA, o artigo apresenta 11 páginas, com o tema: *Relação professor-aluno: um diferencial da classe hospitalar*. O principal objetivo do texto é de abordar a importância das relações estabelecidas entre o professor e o aluno paciente no contexto hospitalar, de modo a refletir acerca do diferencial que se constitui a atuação do professor para a criança hospitalizada. Os objetivos norteadores da pesquisa foram: possibilitar que a hospitalização das crianças e adolescentes em idade escolar seja um meio para a construção de conhecimentos e validação de saberes; fortalecer a relação professor-aluno, estabelecendo vínculos a fim de estreitar as relações no processo de ensino e aprendizagem e analisar os benefícios da relação professor-aluno da classe hospitalar. Buscou-se responder à seguinte problemática: De que forma a relação professor-aluno da classe hospitalar pode trazer benefícios à criança hospitalizada? O referencial teórico traz abordagens sobre quem é o aluno da classe hospitalar, suas particularidades e sentimentos, além de ventilar ideias sobre o papel da afetividade na construção de saberes socialmente construídos na prática pedagógica no contexto hospitalar.

Assim, podemos perceber que o ano que obteve mais publicações sobre a pedagogia hospitalar foi 2013, com o total de 24 publicações, dentre essas 7 falam da atuação pedagógica no contexto hospitalar. No ano de 2011, foram encontradas 11 publicações, dentre essas 5 falam da atuação do professor no ambiente hospitalar. Podemos, assim, perceber que as produções vêm crescendo no decorrer dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises e interpretação dos dados, percebemos que, no decorrer dos tempos, o tema pedagogia hospitalar vem crescendo, pois verificamos que, no ano de 2013, houve mais publicações sobre o tema pedagogia hospitalar e atuação do pedagogo no ambiente hospitalar. Percebemos, assim, muitos desafios ainda nessa área, pois as pessoas e a sociedade em geral não têm muito conhecimento sobre a área e sobre o tema, são grandes os desafios que ficam, pois as produções sobre o tema ainda são pouco elaboradas e precisam mais pesquisas sobre o presente tema.

Nota-se que, nas pesquisas encontradas, destacaram-se estudos que falam da atuação docente no ambiente hospitalar, das leis que regem e regulamentam a história da pedagogia hospitalar, da relação entre família, escola e hospital, da literatura infantil no ambiente hospitalar, entre outros.

A partir da pesquisa, buscamos evidenciar que o hospital, ao contrário do que muitos pensam, é também um espaço propício para a educação. É um local onde se tem mostrado um ambiente para ampla atuação do pedagogo ou professor, para que se faça acompanhamento pedagógico educacional para crianças/adolescentes em tratamento de saúde.

Podemos dizer que existem poucas pesquisas ainda nessa área da pedagogia hospitalar e é preciso estudar e pesquisar mais sobre esse tema, que, sem dúvidas, é muito importante para as crianças hospitalizadas. O papel do pedagogo nesse ambiente só tem a somar de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem das crianças hospitalizadas.

A Pedagogia Hospitalar se insere na perspectiva da inclusão, quando possibilita a continuidade dos estudos e a vivência de aspectos da realidade da qual as crianças e os adolescentes estão afastados, motivando-lhes, às vezes até de forma inconsciente, a desejar a cura, o que facilita e abrevia o retorno ao seu ambiente natural.

Para tanto, é necessário um profissional que domine as teorias educacionais e que seja sensível em sua aplicação, orientando, estimulando e desenvolvendo de maneira consciente o trabalho pedagógico, para que o mesmo não se torne apenas recreação, mas se converta em uma ação educativa.

De acordo com Franco (2005), o pedagogo é um pesquisador e sua formação deve desenvolver o senso investigativo, tendo como objetivo a práxis educativa, não devendo, portanto, se restringir ao exercício da docência. A função do pedagogo está relacionada a

todas as atividades de aprendizagem e desenvolvimento humano. Esse desenvolvimento, por sua vez, não deve ser interrompido para a criança hospitalizada.

Acreditamos que o hospital, como espaço de atuação para o pedagogo, juntamente com toda a equipe multiprofissional de médicos e enfermeiros, acaba sendo um espaço de formação, porque a todo o momento é criado um conceito novo, é um espaço que se produz. Considerando estas percepções, entendemos que o hospital também é um espaço no qual o trabalho pedagógico executado por profissionais da área da Pedagogia se faz necessário. Portanto, mais do que perceber o ambiente hospitalar como um campo de atuação do pedagogo, esta experiência nos permitiu compreender e aprender um pouco mais sobre o tema já que é pouco pesquisado, discutido e falado.

Enfim, nota-se que, mesmo que a Classe Hospitalar tenha todo o seu amparo legal, ainda temos como um grande desafio para os hospitais da nossa região Sul do Brasil, a proposta desta modalidade de ensino formal. Nesse sentido, pensamos no quanto as crianças hospitalizadas, por um longo ou curto período de tempo, acabam “perdendo” um pouco deste contato escolar, do processo de aprendizagem, uma vez que não há um espaço nem funcionários para esta demanda. Talvez seja por isso que uma grande parcela da nossa sociedade ainda não reconhece ou não considera importante ter este ensino no hospital, ensino que, por sinal, constitui um direito da criança: ela deve ter continuidade de atendimento escolar, mesmo estando hospitalizada.

Desse modo, podemos estabelecer uma ligação com a ideia de Matos e Mugiatti (2008), em sua obra *A humanização integrando educação e saúde*, quando afirmam que, a partir do momento em que notamos a necessidade da existência de uma prática pedagógica dentro de hospitais, estaremos reconhecendo o pedagogo neste espaço, pois muitos só conseguem “ver” um pedagogo quando este está inserido dentro de uma sala de aula e não fora dela. Portanto, a partir da nossa pesquisa, sentimos a necessidade de mostrar para alguns hospitais da nossa região a importância de haver um espaço pedagógico, com a inserção do pedagogo.

Por meio da presente pesquisa, podemos conhecer um pouco melhor a História da Pedagogia Hospitalar, desde a Antiguidade, passando pela Idade Medieval, o surgimento da primeira escola para crianças inadaptadas inaugurada em 1935, na França e a criação do Centro Nacional de Estudos e de Formação para Infância Inadaptadas - CNEFEI em 1939, também na França, que tinha como objetivo formar, em dois anos, professores hospitalares para atuar em hospitais ou em outras entidades. No Brasil, a Pedagogia Hospitalar teve início há quase trinta anos, no Hospital A.C. Camargo, que atua nessa área até os dias atuais.

Assim como nas escolas, os pedagogos que atuam em ambiente hospitalar devem ser a ponte entre os educandos hospitalizados e o conhecimento, levando em consideração as limitações e condições clínicas de cada aluno-paciente, pois o processo de ensino-aprendizagem não ocorre em de forma regular. Em um ambiente hospitalar, um dos objetivos dos pedagogos que atuam nessa área deve ser contribuir no aprendizado das crianças e adolescentes hospitalizados para que, quando puderem retornar à escola de origem, não estejam em desvantagem em relação à turma, além de conhecer a realidade e o contexto que os cerca.

Compreendemos que na Pedagogia Hospitalar o desenvolvimento integral de cada educando é uma das metas principais dos pedagogos e da equipe multidisciplinar que os integra. Assim, ao atuar em ambiente hospitalar, os pedagogos contribuem para a formação de cidadãos críticos, éticos e participativos, que poderão atuar ativamente na sociedade, tendo como uma das bases para a sua vivência o conhecimento construído durante o período de hospitalização.

Portanto, ao concluir este trabalho, percebemos que a prática pedagógica em ambientes hospitalares exige dos profissionais envolvidos uma maior flexibilidade. A atuação nessas classes hospitalares requer mais dedicação, atenção e planejamento para cada especificidade, pois cada indivíduo a ser atendido tem uma dificuldade em particular. A proposta da Pedagogia Hospitalar posiciona-se, nestas condições, entre outros, em situação de vanguarda, desfraldando uma bandeira de luta, na busca de maiores e melhores benefícios para o escolar hospitalizado.

Percebemos, assim, que o tema pedagogia hospitalar ainda carece de estudos mais aprofundados, mas que vem crescendo com o passar dos anos, pois, como já foi mencionado anteriormente, o ano de 2013 apresentou mais publicações sobre o presente tema do que o ano de 2011. Percebemos, também, que na região Sul do Brasil, os lugares que apresentam a pedagogia hospitalar e maior atuação docente neste ambiente são os estados de Santa Catarina e Paraná. No Rio Grande do Sul, não se encontram tantas pesquisas sobre o tema.

Concluimos, assim, que o presente tema é de grande importância na vida das crianças e adolescentes hospitalizadas, porém muitas pessoas acabam nem percebendo que no hospital existe, sim, a atuação docente, a qual ainda exige mais pesquisas e diálogos para que se possa alcançar um maior aprofundamento nesse tema. Diante dos textos lidos, é perfeitamente possível pensar o hospital como um espaço de educação para as crianças e adolescentes internadas, sendo o pedagogo, um profissional com sensibilidade suficiente para contribuir para a ressignificação deste espaço, tornando-o um ambiente de alegria, de afetividade, de

encontros e transformações, deixando-o favorável ao desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes ali obrigatoriamente inseridos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. rev e ampl. SP: Moderna, 2006.

AROSA, A. C e SCHILKE A. L. **A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras**. Niterói: Intertexto, 2007.

AU, W. Lutando com o texto: contextualizar e recontextualizar a pedagogia crítica de Freire. *In: APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís A. Educação crítica: análise internacional*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BARROS, A. A Importância da Educação Infantil. **Gazeta de São João del-Rei**, São João Del-Rei, 30 mar. 2013.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BEHRENS, M. A. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 3. ed. Petrópolis, : Vozes, 2009.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/-518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente. Brasília: 1990a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. **Lei n 8.080 de 19 de set de 1990**. Brasília, 1990b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. **Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Imprensa Oficial, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 04 out. 2019.

BRZEZINSKI, I. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Distrito Federal, v. 57, n. 55, p. 611-614, 2004.

CARDOSO, F. T. Câncer infantil: aspectos emocionais e atuação do psicólogo. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2007.

CARDOSO, T. M. **As classes hospitalares em Santa Catarina: caracterização**. Florianópolis, 2006.

CARNEIRO, M. A. **LDB fácil: leitura crítico – compreensiva, artigo a artigo**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (orgs.) **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, 2009.

ESTEVES, C. R. **Pedagogia hospitalar: um breve histórico**. 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

FARFUS, D. **Espaços educativos: um olhar pedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação e sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FONSECA, E. S. Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico - educacionais de crianças. **Temas sobre Desenvolvimento**, v.8, n.44, p.32-37, 1999.

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

FONTANA, M. I.; SALAMUNES, N. L. C. Atendimento ao escolar hospitalizado – Smec. *In*: MATOS, E. L. M. (Org). **Escolarização Hospitalar Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2009. p.52-60.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Rev. Bras. Educ.**, n. 19, 2005.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Papyrus, 2005.

FRANCO, M. A. R. S. **Pedagogia como ciência da educação**. 2 ed. rev e ampl. SP: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: ed. UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GAMBOA, S. A. S. **Epistemologia da pesquisa em educação**: estruturas lógicas e tendências metodológicas. 1987. 229f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 1987.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é Pedagogia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONÇALVES, J. L. Rediscutindo o conceito de competência de uma perspectiva relevantista. *In*: CAMPOS, J. ; RAUEN, F. J. (Orgs.). **Tópicos em Teoria da Relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 122-142.

GONZÁLES-SIMANCAS, J. L.; POLAINO-LORENTE, A. **Pedagogia hospitalar**: actividad educativa en ambientes clínicos. Madrid: Narcea SA de Ediciones, 1990.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, p.235-335, 2001.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO REGIONAL DO PARANÁ. **Plano Pedagógico Hospitalar**. Maringá, 2009.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologia: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: ed. 34, 1996.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: ed. 34, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia, ciência da educação?** *In*: PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo; Cortez, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Modernidade: Presente e futuro na escola**. *In*: GHIRALDELLI JR, Paulo. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 127-176.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos para Quê?** 4. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo, Cortez, 2005.

LOPES, B. S. **Pedagogia hospitalar**. 5 out. 2007. Disponível em: <https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=/upload/cms/revista/sumarios/248.pdf&arquivo=sumario3.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2013.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCÍLIO, M. L. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

MARQUES, M. O. **Pedagogia: a Ciência do educador**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1990.

MATOS, E. L. M. **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Editora VOZES, 2009.

MATOS, E. L. M.; MUGGIATI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Editora Champagnat, 2001.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. (orgs). **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 6. ed. Petrópolis, 2012.

MATOS, E. L. M.; TORRES, P. L. (Org.). **Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar: novos cenários, novos desafios**. Curitiba: Champagnat, 2010.

MAZZOTTI, T. B. Estatuto de cientificidade da Pedagogia. *In*: PIMENTA, Selma Garrido (coord.). **Pedagogia, ciência da Educação?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MENEZES, C. V. A. Rumos de uma política pública. *In*: **Escolarização Hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Ministério da Educação. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar : estratégias e orientações. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC ; SEESP, 2002

MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 6. ed. Campinas: Ed. Papirus, 2008.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p. 21-38.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

NETTINA, S. M. **Prática de Enfermagem**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

OLIVEIRA, L. D. B. *et al.* A brinquedoteca hospitalar como fato de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 19, n. 20, 19-25. 2009.

OLIVEIRA, L. M.; SOUZA FILHO, V. C.; GONÇALVES, A. G. Classe hospitalar e a prática da pedagogia. **Revista científica eletrônica de Pedagogia**, v. 6, n. 11, 2008.

ORTIZ, L. C. M.; FREITAS, S. N. **Classe hospitalar: reflexões sobre a sua práxis educativa**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

PAULA, E. M. A. T. de. **Educação, diversidade e esperança: a práxis pedagógica no contexto da escola hospitalar**. 2005. 303f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

PAULA, E. M. A. T. de. **Escola no hospital: Espaço de Articulação entre Educação Formal e Educação Não Formal**. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE: SABERES DOCENTES; V ENCONTRO NACIONAL DE ATENDIMENTO AO ESCOLAR HOSPITALAR, 7, 2007. Curitiba. Anais... Curitiba: Champagnat, 2007. p. 2424-2438.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHILKE, A. L. T. **Representações sociais em espaço hospitalar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, C. S. B. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TADIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TORRES, P. L. **Laboratório on line de aprendizagem: Uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação**. Tubarão: Ed. Unisul, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. *In*: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VASCONCELLOS, Beatriz Cunha. **Acessibilidade: Cidadania de Sustentabilidade Local**. Considerações sobre a mobilidade de pedestres, no núcleo de serviços da Região Oceânica, Niterói, RJ. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

VIEGAS, D. **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

APÊNDICE

Quadro: Pesquisa encontrada com o tem Pedagogia Hospitalar no ano de 2011

Nome do Autor	Tipo	Título do Trabalho	Ano	Eixo
Giselli Cristiane da Silva (SEED-PR)	Comunicação	A formação de professores e a utilização das mesas educacionais como meio pedagógico integrado a proposta de escolarização em contextos hospitalar	2011	Pedagogia Hospitalar
Tyara Carvalho de Oliveira (NENHUMA)	Comunicação	A inclusão do pedagogo hospitalar na equipe multiprofissional de saúde	2011	Pedagogia Hospitalar
Jaques de Lima Ferreira (PUCPR), Maria Aparecida Beherens (PUCPR)	Comunicação	A pedagogia hospitalar aliada ao paradigma da complexidade	2011	Pedagogia Hospitalar
Elismara Zaias (SME-PG)	Comunicação	As diversas concepções de currículo das escolas nos hospitais: uma análise do sistema de atendimento a rede de escolarização hospitalar- SAREH/PR	2011	Pedagogia Hospitalar
Jaques de Lima Ferreira (PUCPR)	Comunicação	Competência do professor na pedagogia hospitalar	2011	Pedagogia Hospitalar
Angela Regina Ramalho Xavier (SEED-PR)	Comunicação	Internações recorrentes: a pratica pedagógica hospitalar e o currículo escolar	2011	Pedagogia Hospitalar
Silvia Helena Altoé Brandão (SEED-PR)	Comunicação	O atendimento educacional domiciliar ao aluno afastado da escola por motivo de doença	2011	Pedagogia Hospitalar
Layla Patricia Klug Matos (UFES), Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula (UFES)	Comunicação	O papel da literatura infantil para crianças e adolescentes hospitalizados no enfrentamento dos medos infantis	2011	Pedagogia Hospitalar
Edson Bucko Tuffi (SEED-PR)	Comunicação	O perfil do professor do hospital – em um outro contexto, um novo desafio	2011	Pedagogia Hospitalar
Denise Silva de Souza (UFBA)	Comunicação	Percepção da classe hospitalar no município de	2011	Pedagogia Hospitalar

		Salvador: um estudo exploratório envolvendo gestores		
Ana Lucia Tarouquella Schilke (FMEN-RJ)	Comunicação	Quem é o professor que trabalha em hospital: reflexões sobre sua identidade	2011	Pedagogia Hospitalar

Quadro: Pesquisa encontrada com o tem Pedagogia Hospitalar no ano de 2013

Nome do Autor	Tipo	Título do Trabalho	Ano	Eixo
Francy Souza Rabelo(UECE), Germana Sigueira Rocha Guimarães(Instituto Divina Pastora), Maria José Alburqueque Santos(UFMA), Silvana Pimentel Silva(UECE)	Comunicação	A escuta pedagógica da criança hospitalizada: relações e possibilidades de aprendizagem e adaptação ao espaço hospitalar	2013	Pedagogia Hospitalar
Micaella Paula Canalli(PUCPR), Natália Brolesi de Souza(PUCPR)	Comunicação	A importância da pedagogia hospitalar para crianças de 0 à 5 anos de idade em tratamento de saúde	2013	Pedagogia Hospitalar
Regiane Hissayo Ono(UEM), Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula(UEM)	Comunicação	A importância e os desafios do atendimento pedagógico hospitalar sobre o olhar de enfermeiras	2013	Pedagogia Hospitalar
Neuseli Do Rocio Bastos Lipinski(SME-CURITIBA)	Comunicação	A vida em casa, escola, hospital e agora em casa de apoio: uma parceria de desafios e fraternidade	2013	Pedagogia Hospitalar
Giselli Cristiane da Silva(UNICENTRO), Sandra Leticia Schroeder Inglesias(UNICENTRO)	Comunicação	Atendimento pedagógico domiciliar: desafios e possibilidades na rede estadual de ensino do núcleo regional de educação de Guarapuava-PR	2013	Pedagogia Hospitalar
Angélica Regina Schmengler(UFSM), Soraia Napoleão Freitas(UFSM)	Comunicação	Classe hospitalar do hospital universitário de Santa Maria: espaço de fomento investigativo	2013	Pedagogia Hospitalar
Cristina Bressaglia Lucon(UFBA), Maria Selest Ramos da Silva(SMED-SALVADOR-BA)	Comunicação	Classe hospitalar: um ponto de apoio na luta pela saúde e pela vontade de viver	2013	Pedagogia Hospitalar
Armando de Castro Segueira Arosa(UFRJ)	Comunicação	Desafios para construção de conhecimento sobre o atendimento escolar em hospitais	2013	Pedagogia Hospitalar
Maria Selest Ramos da	Comunicação	Dificuldades de	2013	Pedagogia

Silva(SMED-SALVADOR-BA), Denise Silva Souza		aprendizagem enfrentadas por escolares na classe hospitalar: avaliação mediada pela epistemologia convergente		Hospitalar
Regina Lucia Giffoni Luz de Brito(PUC-SP)	Comunicação	Educação para o conviver e a gestão da aprendizagem: o gestor educador e o trabalho pedagógico no hospital	2013	Pedagogia Hospitalar
Mirta Cristina Pereira Pacheco(PMC)	Comunicação	Escolarização hospitalar-Hospital Ersato Gaertner	2013	Pedagogia Hospitalar
Lêda Virginia Alves Moreno	Comunicação	Escolarização hospitalar: contribuições da epistemologia da pratica a formação docente	2013	Pedagogia Hospitalar
Rosilene Ferreira Gonçalves Silva(UEPA)	Comunicação	Estagio supervisionado em pedagogia hospitalar: desafios e perspectivas de atuação do pedagogo em ambientes não escolares	2013	Pedagogia Hospitalar
Marilda Aparecida Behrens(PUCPR), Jacques de Lima Ferreira(PUCPR), Elizete Lucia Moreira Matos(PUCPR)	Comunicação	Eureka- ambiente virtual favorecendo a formação continuada online de professores que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde	2013	Pedagogia Hospitalar
Cristina Bressaglia Lucon(UFBA), Maria Selest Ramos da Silva(SMED-SALVADOR-BA),Denise Silva Souza	Comunicação	O adolescente com câncer adverte: eu também posso ser uma vitima do fracasso escolar	2013	Pedagogia Hospitalar
Simone Maria da Rocha(UFRN), Maria da ConceiçãoPasseggi(UFRN)	Comunicação	O hospital e a classe hospitalar em narrativas de crianças hospitalizadas: vozes que ecoam	2013	Pedagogia Hospitalar
Mariana Saad Weinhardt Costa(FARESC), Eliete Aparecida Batista França(PMC), Marilice Mugnaine Soffa(FARESC)	Comunicação	O jogo dramático com crianças em contexto hospitalar	2013	Pedagogia Hospitalar
Maria do Carmo da Silva Wiese(PUCPR)	Comunicação	Pedagogia hospitalar no brasil: atuação docente nas classes hospitalares	2013	Pedagogia Hospitalar
Regiane Hissayo Ono(UEM), Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula(UEM)	Comunicação	Políticas publicas destinadas ao atendimento pedagógico hospitalar: a visibilidade e invisibilidade destes trabalhos no Parana	2013	Pedagogia Hospitalar
Ana Patricia Coelho Sousa(FAP-PARANIBA), Renata Cristina da Cunha(IFPI)	Comunicação	Práxis das pedagogas em um hospital estadual na cidade de Párnaiba-PI	2013	Pedagogia Hospitalar
Elismara Zaias(UEPG)	Comunicação	Reflexões sobre o papel dos	2013	Pedagogia

		professores e pedagogos na constituição do currículo escolar em contexto hospitalar		Hospitalar
Jucilene Teles de Queiroz Machado(SMED-SALVADOR-BA), Jurema Reis Sampaio Campos(SMED-SALVADOR-BA)	Comunicação	Relação professor-aluno: um diferencial na classe hospitalar	2013	Pedagogia Hospitalar
Genaldo Luis Sievert(PUCPR), Elizete Lucia Moreira Matos(PUCPR)	Comunicação	Tecnologias da informação e comunicação para profissionais que atuam junto aos escolares hospitalizados ou em atendimento domiciliar: um real possibilidade para a pedagogia hospitalar?	2013	Pedagogia Hospitalar
Tyara Carvalho de Oliveira(SEMED-NOVAIGUAÇU)	Comunicação	Um breve histórico sobre as classes hospitalares no brasil e no mundo.	2013	Pedagogia Hospitalar